

Título: SOLVE ET COAGULA

Expansão e retração. Criar e eliminar fronteiras. Esta tem sido a história de nosso planeta e de suas gentes. Muitas vezes fronteiras foram modificadas, tanto no aspecto geográfico como nos campos do saber.

No âmbito geográfico, não faltam exemplos. Começa-se com o continente original, Pangeia, um todo, uma massa única, depois separada pelo tectonismo de placas. Surgem fronteiras, continentes separados por oceanos. A seguir, povos formam agrupamentos, deixando a vida nômade. Surgem as vilas, as tribos. Tribos então se separam em feudos. Feudos irmãos estabelecem relações de interdependência. Partilham a mesma língua. Nasce, ~~uma~~ ou melhor, refina o instinto gregário do homem. Feudos unem-se em províncias, condados. Condados viram Estados. Estados formam países. Países largam-se "por mãos nunca dentes navêgods" e conquistam outras terras: África, Ásia, Américas. Diferentes, raças ambicionam mesmas terras. Asserem-se acordos. Partilham-se terras, sem levar em conta as etnias presentes. A seguir, repartem-se terras. Fronteiras são criadas, unindo os diferentes (e até incompatíveis), outras vezes separando os iguais. Na África, zulus, hutus, e tantos outros, moram num mesmo país, criado por um estrangeiro, dividido por outro. Na África do Sul, o povo autóctone é relegado a gueto, e o branco os aparta de seu convívio. É o "apartheid". Por outro lado, os curdos se vêm separados no Iraque, na Turquia, nos outros países. Os desiguais unidos e os semelhantes separados, ambos armam-se, lutam, e violência e mais violência se instaura. Limites arbitrários quando tensão, dor e morte.

Das ciências, fenômeno semelhante ocorre. A Filosofia, "mãe das ciências", é partilhado entre os homens. Homens originais tomam do saber e o amparam. Novas ciências emergem: a alquimia, a física, a política. Destas, outras tantas, nascem: a Química, a Física, a Biologia, a Medicina, a Sociologia, a antropologia, entre outras. Novas separações, novas especializações. Não há limite, para ~~novas~~ novidades. E chega o ponto ~~em~~ em que, para saber Medicina, tem-se que entender de Física (no Otopedelo de Química (na inflexão da hiperlipidemia, na hipertensão arterial), de Linguística (na aquisição da linguagem pelo bebê). Como as fronteiras, entre as ciências. A prova da Teveit tem questões interdisciplinares. O que começa com Rui Barbosa e Oswald Guay, termina com febre amarela.

Expansão e retração. Separação e depois dissolução. E daí surge a solução: o homem vê-se compelido a estar aberto, de mente aberta; fluindo no conhecimento e fluindo dele, para que possa avançar, vencer limites, quebrar barreiras. Mas sendo claro o que faz dele, Homem, um ser singular, original, diferente de outro homem. Uns artistas, outros técnicos. Uns setúrcos. Outros pictóricos. Diferentes e separados por suas singularidades, mas unidos como espécie. Reforando egos para expandir limites. Colocando fronteiras, a suas individualidades para usufruir da liberdade de ir sempre cada vez mais, além. Sem limites.

01 A necessidade de concordância entre fronteiras geográficas e ideológicas

02 Os diversos confrontos fronteiriços ocorridos em 2008, como na Osmã
03 tia do Sul e em Israel, conduzem-nos a uma reflexão sobre o que é fronteira. Ess
04 cialmente, é o limite, a parte extrema de uma área, um meio ou, até mesmo, de
05 algo abstrato, como uma ideologia ou uma religião. Buscam-se artifícios histó-
06 ricos, sociais e econômicos para a delimitação de fronteiras geográficas, mas essa delimita-
07 ção nem sempre é eficiente. Muitos dos conflitos observados atualmente decorrem fun-
08 damentalmente da discordância que ocorre entre as fronteiras ideológicas e as geográficas.

09 A história guerra entre palestinos e israelenses exemplifica bem a dis-
10 cordância citada. As ideologias adotadas pelos dois povos, fundamentadas em suas
11 diferentes religiões, pregam a discriminação do outro e o direito à totalidade da área
12 representada por Israel. A delimitação atual desse país, um prejuízo para o povo palestino,
13 não representa o pensamento desse povo. Essa delimitação apenas acentua e torna mais
14 conflituosa a fronteira entre o islamismo e o judaísmo. Situação semelhante ocorreu na
15 Irlanda, onde havia intensos conflitos entre católicos e protestantes, envolvendo até ataques terro-
16 ristas.

17 Fronteiras ideológicas, no entanto, nem sempre são causas de conflitos. A União Euro
18 peia representa bem essa conciliação entre os limites abstratos e os limites geográficos. Assim
19 como na Irlanda, há a dualidade entre religiões cristãs, pois nesse bloco econômico existem
20 países protestantes majoritariamente, como a Holanda, e países católicos, como a Itália. Com o
21 objetivo de alcançar maior fortalecimento político-econômico, esses países pregam o respos-
22 to às diferenças religiosas entre si. Hoje, representam, juntos, uma potência. Apesar de cla-
23 ror limites religiosos, não há conflitos territoriais. A concordância entre fronteiras ge-
24 ográficas e ideológicas é importantíssima para o sucesso econômico.

25 A essencialidade da concordância entre os dois referidos tipos de fronteira
26 é facilmente percebida na manutenção da paz e na obtenção do progresso. Nesse con-
27 texto, o tolerância e o respeito são imperativos. Respeitando-se as diferenças, as fronti-
28 ras abstratas tornam-se mais harmoniosas, o que se reflete nas fronteiras geográficas,
29 com esforço político. A diversidade e as fronteiras devem ser compreendidas como
30 entidades como elementos enriquecedores e fortalecedores.

Fronteiras benéficas × Fronteiras opressoras

É válido que o homem, ao longo do ^{curso} de sua história, modificou intensamente o seu modo de viver. Do nomadismo para a fixação na terra e do coletivismo dos miúdos da produção para a propriedade privada, o homem parece ter atingido o ápice dos processos sociológicos mais importantes a si próprio. As fronteiras estão presentes em todos os aspectos da vida humana. Em vista dessas divisões, pode-se citar desde ^{as} mais banais como a separação de tecidos rivais em um jogo de futebol até as mais complexas, como as fronteiras geográficas separando ideologias, sistemas econômicos e os estados nacionais pelo mundo.

Considerando-se um plano global da ideologia humana do século vinte, o muro de Berlim e o muro de Berlim na América do norte ~~com~~ concretizaram o modelo de fronteiras. No primeiro caso, o atrativo desenvolvimento capitalista era encoberto pelos socialistas, tomando um êxito motivado pela crença em melhores condições de vida do outro lado do muro. No segundo caso, a divisão é dentro do próprio sistema capitalista, em que o lado próspero, EUA, tenta manter-se a parte do lado mais modesto, México.

Se focarmos em um plano mais restrito, encontraremos as barreiras que o capitalismo impõe às sociedades. Lojas, eventos e mesmo bairros diretamente direcionados para uma camada de elite privam o restante da população de ter acesso a esses ambientes. ~~Cria~~ Cria-se, desse modo, uma evidente ~~de~~ fronteira psicológica de superioridade de uns sobre os demais, uma barreira evidentemente opressora.

Já os limites de fronteiras entre impérios e nações são pretextos das ~~mais~~ mais antigas guerras entre civilizações. E esse processo continua até os dias atuais, motivado sobretudo por maiores poderes econômico e político. A guerra de independência do século dezasseis, em que as Metrópoles não queriam perder o poder sobre suas colônias são um claro exemplo disso. É necessário destacar também a atual guerra entre palestinos e israelenses. Mais uma vez, as fronteiras ganham destaque e mais de meio século após a criação do estado de Israel, a questão segue sem solução pacífica.

Idealizar um mundo sem fronteiras simbólicas é uma utopia, já que diferentes culturas, tradições ou crenças, criam, de uma forma ou de outra, seus enclaves. No entanto, o homem tem o dever, como ser pensante que é, de não atribuir a essas fronteiras mais valor do que elas merecem. Divisões virtuais como forma de organizar melhor o mundo não podem, no tirar guerras, ódio ou sanções de qualquer espécie. Um outro tipo de fronteira é o mais preocupante: as fronteiras econômicas, fruto do sistema econômico vigente e que tendem a se ampliar. Resta saber se o mundo irá de deslizar para uma intensificação desse processo de divisões ou para uma supressão desse modelo, dando lugar apenas às fronteiras culturais, indispensáveis

Reais conjuntos disjuntos com interseção complexas

Quando eles chegaram, nós tínhamos as terras e eles, a Bíblia e Arthaus os elhos. Ao afirmarmos os elhos, eles tinham as terras e nós, a Bíblia." Esta singular frase de um líder queniano retrata muito bem a expansão das fronteiras europeias no contexto do neocolonialismo, característica do processo imperialista europeu do século XIX. A ampliação das fronteiras - park limítrofe de um espaço em relação a outro - pode acontecer simplesmente de forma geográfica, bem como a disseminação cultural, como bem relatado na frase do líder queniano, em que houve uma aculturação daquela população, para fins econômicos. Mesmo com o intenso intercâmbio de informações velozes e a agilidade promovida durante a nova ordem global, não existe uma quebra definitiva de fronteiras geográficas e culturais, o que leva à permanência das mesmas.

O direito à soberania nacional de cada país está assegurado na carta da ONU e sempre, por vezes desrespeitada, ainda tem validade como conceito internacional. A foto present na coletânea é bem figurativa, ao demonstrar uma fronteira até "artificial" entre a Holanda e a Bélgica. Isto decorre do fato de boa parte belga ser flamenga, cuja cultura é muito semelhante à batava - a língua, por exemplo, é o "Flemish", muito semelhante ao holandês. No entanto, as fronteiras culturais se diferenciam das barreiras geográficas. A Bélgica, mesmo como um país tampão - segurar abitoes entre França e Alemanha - aceitou e assegurou a identidade belga. A outra parte, valão - fala francês - também aceita ser belga. O fato de haver disputas entre valões e flamengos não impede a existência de uma raça belga, soberana e assegurada.

O intenso processo de globalização levou à existência de uma cultura massificada e, por vezes, até mesmo unificada; no entanto ainda, prevalece um certo regionalismo, principalmente em culturas mais rígidas que não aceitam de bom grado a misugeração. É irrefutável a existência de uma cultura tabelada, principalmente com a disseminação de um "neo-American way of life". Mesmo assim, há regiões e países que ainda se fazem valer das peculiaridades festivas e culturais, como é o caso, no Brasil, das festas de Fátima e o Bumba Meu Boi. Talvez seja necessário um resasso do interesse pela cultura, da cor local, ao mostrar a importância de se firmar, a partir dessa, a identidade nacional.

Portanto, após analisar a questão da soberania nacional e a globalização cultural, é possível concluir que as fronteiras geográficas e culturais permanecem. Ainda que o intenso processo de intercâmbio entre as regiões possa fazer surgir um chamado "mundo sem fronteiras", é preciso discernir até que ponto esse mundo de fato existe. As fronteiras geográficas e as culturais muitas vezes formam conjuntos disjuntos, como é o caso da Bélgica. Deve-se fazer, em última instância, valer a frase do líder queniano, para que aculturação não ocorra daquela maneira. A cultura é uma identidade única e intransferível!

As fronteiras da vida

Quando pensamos na palavra "fronteira", é quase inevitável relacioná-la ao limite geográfico de uma região; porém, se analisarmos este termo com mais cautela, veremos que ele possui um significado muito mais amplo do que apenas o de "divisão". Por exemplo, dias atrás, à meia-noite, atravessávamos a fronteira entre 2008 e 2009. Atravessar uma fronteira não é apenas ultrapassar o limite de um território, é alcançar objetivos, quebrar estigmas, vencer etapas, ou até mesmo, passar dos limites.

Em 2008 o Brasil e o Supremo Tribunal Federal, STF, romperam importantes barreiras. Entre elas, podemos destacar duas: a liberação de pesquisas com células-tronco e a demarcação contínua do território Raposa Serra do Sol em benefício dos indígenas. Foi atravessada a fronteira de um dogma da igreja católica, a favor da ciência; e a do interesse de uma minoria de fazendeiros, beneficiando representantes de um povo, que aqui estava, antes da chegada dos portugueses em 1500.

Atravessar uma fronteira raramente é uma tarefa fácil. O vestibular, por exemplo, é algo que exige muita dedicação, estudo e horas de sono reduzidas. Vencer uma etapa como essa, atravessar a divisa entre a adolescência e a vida adulta, estudando nas melhores universidades do país; é algo que poucos poderão, um dia, contar para seus netos.

Existem também as fronteiras cotidianas a serem atravessadas. Levantar cedo, trabalhar muito, dormir pouco, pagar contas, cuidar dos filhos. Cada um de nós tem inúmeros exemplos. Infelizmente até as fronteiras do inimaginável o ser humano acaba ultrapassando. Recentemente, um policial do Rio de Janeiro alvejou com tiros o carro de uma inocente família, matou uma criança de três anos e acabou sendo absolvido. Sempre tem alguém que acaba passando dos limites.

Se o mundo em que vivemos está repleto de fronteiras territoriais, as nossas vidas também tem as suas próprias. Cabe a cada um, vencer as suas próprias dificuldades, alcançar suas metas, quebrar paradigmas, sempre tomando muito cuidado para não passar dos limites. O importante é escolher o caminho do bem, para que ao atravessarmos a última fronteira da vida, pela qual todos passam, tenhamos deixado algo de bom para o futuro.

Divisor de "águas"

vilas, cidades, estados, países, todos divididos por fronteiras, separadas territorialmente e até psico-socialmente por esta linha imaginária, que as vezes nem tão imaginária assim, se comporta como uma barreira entre os povos.

A necessidade de separação entre as regiões ao longo dos anos, seja por motivos políticos, econômicos ou sociais, tem mobilizado esforços militares nessas áreas para mantê-las sob controle, transformando-as de linhas divisorias em pontos estratégicos de importância geopolítica em pleno século XXI. Os países que fazem uso dessa explícita separação, geralmente a utilizam de como espécie de linha da pobreza - para conter imigrantes oriundos de países mais pobres que buscam no "vizinho" as condições melhores condições de vida - ou como cortina de ferro - para impedir ataques e se defender de conflitos armados com outros países.

As fronteiras culturais e étnicas estão se tornando cada vez mais impossíveis com a globalização, já que a nova tendência é a fusão do "modus vivendi" das pessoas, sendo a principal arma o uso da internet, que por si só é ilimitada; isso faz com que o controle seja mais difícil e a manutenção de padrões quebre as fronteiras físicas, indo para o campo psicológico, de apelo ao nacionalismo à consciência cidadã.

Essas barreiras são detectáveis, visíveis, no mundo todo e mesmo fora dele, - por satélite - como é o caso da ~~muro~~ muralha da China, que serviu, no passado, de separação entre as tribos habitantes da região (de clãs diferentes: chineses, mongóis) ou então a fronteira entre México e Estados Unidos, considerada a mais militarizada do mundo; há também a de Ceuta - separação do norte da África e União Europeia - "cerceação de imigrantes", e mais um limite entre sul pobre e norte rico, e diversas outras espalhadas para idêntico unir as populações dentro delas.

Assim, as fronteiras, tão comuns ao senso de espaço de todo povo, e usada hoje para dividir (em vários sentidos) as regiões, aplaudidas pelo espírito nacionalista, estão se expandindo para nos fechar e tornando a Cidade Prevista "sem barreiras, sem limite entre as nações, em que cada casa tem as portas abertas e sem armadilha" de Drummond, cada vez mais utópica.

Fronteiras da vida

Fronteiras podem delimitar Estados, lugares, posturas... Elas basicamente marcam uma divisão; um fim e um começo. E dentro todas essas fronteiras que nos cercam estão as fronteiras que dividem a nossa vida. A infância, a juventude, a maturidade e a velhice são etapas ~~divididas~~ divididas por fronteiras que não vemos, mas que certamente percebemos quando já foram atravessadas. O mais difícil, no entanto, é aceitar essas passagens e se dar conta de que se aproximar do limite da vida não traz apenas coisas ruins.

Não há dúvida que atravessar essas fronteiras de idade é uma tarefa às vezes um tanto árdua. Quando adolescentes, relutamos em abandonar a ausência de responsabilidades da infância. A juventude, por sua vez, é a época mais atrativa por sua liberdade, seu vigor, sua irreversibilidade. Quanto mais intensamente vivemos essas primeiras etapas, mais difícil parece aceitar que um dia elas acabam e dão lugar à maturidade. Além disso, atravessar fronteiras que se sempre implica o contato com o desconhecido e não saber o que há pela frente pode trazer inseguranças.

No entanto, um pouco mais de perspectiva ajuda a perceber que o ~~seu~~ envelhecimento não é ~~apenas~~ apenas sinônimo de rugas. Ele traz também sabedoria e conhecimento. Com o tempo, diminuem as dúvidas e incertezas características da adolescência. A idade adulta traz consigo conquistas e uma visão de mundo mais ampla que a da maioria dos jovens.

Por isso, devemos perceber que as fronteiras que dividem nossas vidas em etapas devem ser superadas. Um dos personagens mais marcantes de obra de Guimarães Rosa (Sagarana), o barão de Soledade, é uma alegoria a respeito dos mares velhos e mostra que lutar contra o destino nem sempre é o melhor caminho. Assim, aceitar o envelhecimento e aproveitar o que ele traz de positivo é muito vantajoso, da mesma forma que pessoas que se negam a atravessar a fronteira de juventude e ~~se~~ ~~com~~, com isso, deixam de passar por grandes experiências que vêm com a maturidade.

Impensável cidadão do mundo

A formação dos primeiros Estados Modernos começou na Baixa Idade Média com a convergência de interesses entre burguesia e rei pela unificação dos feudos. Hoje, assiste-se a um esforço em consolidar cada vez mais a União Europeia simultâneo ao recrudescimento de movimentos nacionalistas e separatistas. Polco de tantas divergências, um simples olhar para a Europa fez surgir a questão de se o mundo caminha para eliminar ou criar fronteiras. Como durante toda a história fronteiras foram constantemente delimitadas, demarcadas e refeitas, poder-se afirmar que tal mobilidade não deve deixar de existir tão cedo.

A dissolução de fronteiras, que antes era resultado da dominação política e militar de territórios, como era o caso dos impérios romano, muçulmano e napoleônico, hoje ocorre principalmente com o objetivo de facilitar a circulação de mercadorias e capital e impulsionar a economia. Exemplo disso é a formação de blocos econômicos, como a União Europeia e o Mercado Comum do Sul, frutos da globalização. Além disso, o efeito mais notável desta, a transmissão de informações por grandes distâncias em tempo tempo ínfimo, também é um modo de eliminar fronteiras ~~fisicas~~ entre as pessoas, aproximando todas as partes do mundo em termos de como comunicação.

Por outro lado, a criação de limites físicos ainda existe. Para muitos, é uma questão de defesa de identidade de seu povo ter um território próprio, o que também implica fronteiras próprias. Um exemplo foi a declaração unilateral da independência de Kosovo, antiga antiga província da Sérvia. Nisso também se encaixam a longa luta por um país palestino e os vários movimentos separatistas na Rússia, Espanha, Reino Unido e Países Baixos. É vergonhoso que pessoas lutem e matem para não ter de dividir mesmo território e governo com aqueles que consideram diferente não como não pertencente ao grupo.

É por culpa dessa face estúpida e egoísta do homem que fronteiras dificilmente serão totalmente abolidas, que conceitos como "soberania", "ordem" e "autonomia" continuem sendo usados para justificar ataques e guerras legítimas. É quase utópico pensar que um dia todos viverão em paz como uma única sociedade de "cidadãos do mundo", tal como os iluministas se consideravam em oposição aos românticos nacionalistas nos séculos XVIII e XIX.

O mundo atual vivencia a dissolução dos entraves econômicos das barreiras econômicas e o crescimento de movimentos separatistas. Apesar de a tecnologia já permitir um mundo sem fronteiras, não são poucos os que insistem em se segregar e continuar alterando demarcações territoriais. Vivem os custos à razão cosmopolita e abisçam o sentimentalismo nacionalista.

Ícaro, "I-pods" e Coca-cola quente

Ícaro e seu pai, Dédalo, presos em um labirinto. Penas, cera, fio. Dédalo, habilidoso artesão, constrói para si e para o filho dois pares de asas, capazes de removê-los do centro daquelas muros sólidos, fronteiras sólidas, quase intransponíveis. Vam, ambos, entre céu e mar. Encontram, sopra, novas fronteiras, líquidas, intocáveis: caso voem alto demais, o sol derrete a cera que une as penas das asas; caso voem baixo demais, no entanto, podem ser empilhados pelas ondas do mar. Fronteiras invisíveis entre águas de céu e de mar.

Como no mito grego, a tendência da sociedade humana atualmente instituída parece ser a de liquefazer fronteiras sólidas. Já no advento do capitalismo, barreiras físicas e financeiras entre os então feudos eram desestimuladas, uma vez que prejudicavam o comércio. Hoje, blocos de países, como a União Europeia, removem muros sólidos entre seus membros, substituindo-os pela invisibilidade de linhas imaginárias que permitem a livre circulação de pessoas, mercadorias e capitais. Fronteiras e limites cada vez mais flexíveis para montais a voar, quase deuses, em longo e incerto vôo.

A queda de barreiras concretas não limita-se, no entanto, às fronteiras entre nações. A utilidade, império digital de um país, e as linguagens fundem-se cada vez mais, céu e mar a beijarem-se no horizonte. A divulgação de músicas estrangeiras por todo o mundo, evidente com a adoção intencional de certos tons, como Madonna, e a aproximação cada vez maior de estrangeirismos por diversas línguas (como novo português, de sítis a abajijos) e a simplificar o alcance de tal tendência. Mais uma vez, facilidades comerciais e expansão de mercados consumidores estimulam a liquefação dos limites. Ícaro e Dédalo, a voar sobre o mar Cáspio, ouvindo ray em "I-pods" e dragando Coca-cola quente.

Liquefação sem limites. Afusão de diversas áreas do conhecimento para o desenvolvimento de armas e equipamentos rentáveis também força, rompe e desfaz fronteiras etícas, barreiras entre o certo e o errado. O desretimento de certas convenções, antes importantes fronteiras e queixas das ações humanas, como a família, que hoje assume as mais variadas formas, espelha, também, a célebre frase de filósofo contemporâneo: "tudo que é sólido desmancha-se no ar"; como a cera das asas de Ícaro, ao aproximar-se do sol.

Vivermos, assim, a era da liquidez. Econômicas, sociais, culturais, as fronteiras tornam-se cada vez mais flexíveis e intangíveis. Resta-nos, no entanto, cuidado. Ainda que a mitologia sirva a flexibilização dos muros, há sempre de lembrar que abusos podem dar nos o mesmo fim de Ícaro, afogado, sem asas, morto como não estava dentro do labirinto.

Reciprocidade para a ~~ter~~ harmonia

Criadas no intuito de definir a área de atuação de um governo e de soberania de uma população, as fronteiras políticas físicas e ideológicas - são, muitas vezes, focos de tensão. Elas podem definir ações com interesse econômico, a partir delas um determinado grupo de países deve ser seguido e elas podem significar o impedimento da livre mobilidade das pessoas através do espaço. Por conseguinte, o processo de definição dos seus limites podem envolver conflitos armados, revoltas sociais e obstrução física ~~de~~ do espaço geográfico.

Como define o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, fronteira é a parte limítrofe de um espaço em relação ao outro. As fronteiras político-geográficas são tomadas como indicativo da área de extensão do poder de decisão e soberania de cultura de uma nação. Dentro do espaço determinado, as ordens daquele governo são máximas. Assim, o respeito a uma fronteira é o respeito a uma soberania nacional.

Por definir até onde pode atuar determinados grupos com interesses econômicos ou o limite de proliferação de uma ideologia e uma cultura, as áreas de soberanidades entre as nações podem se tornar muito tensas. A disputa entre França e Alemanha por uma área fronteiriça - a Alsácia-Lorena - exemplifica um conflito de ordem econômica. A disputa pela região rica em carvão foi um dos motivos para a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Fronteiras ideológicas podem ser igualmente conflituosas. A região da "Cintura de Ferro" - estabelecida pela União Soviética na Guerra Fria - impedia o contato político, econômico e cultural com o Ocidente, com ameaça de explosão de uma guerra nuclear. A divisão do espaço pode não ser satisfatória, mas deve, então, ser justa a fim de impedir o caos entre as nações.

As formas de definição dos limites, no entanto, não são sempre justas. Geralmente, quem possui maior força bélica possui maior poder de decisão. Assim, muitas vezes culturas, populações e religiões são desrespeitadas. É o caso da instalação iraquense em território palestino; e, por isso, os conflitos sociais e armados persistem na região.

Respeito recíproco. As áreas de divisão política não seguem sempre a ordem da justiça para se definirem. Intencionando um convívio harmonioso entre todos as populações é necessário que culturas, economias e necessidades humanas sejam respeitadas na divisão geográfica. Assim, as fronteiras deixam de ser focos conflituosas.

romper fronteiras, romper valores

Fronteiras são limites e o homem busca ultrapassá-las. Um grande conto à quebra de fronteiras está presente em Os ~~Sete~~ Lusíadas. Camões, ao narrar a viagem de Vasco da Gama às Índias conta uma história não só de ultrapassagem de barreiras físicas e geográficas mas também da quebra dos limites psicológicos do povo português. Temer fronteiras existentes ao redor do homem, leva-o a quebrar fronteiras dentro de si mesmo.

A transformação ideológica vivida pela humanidade após a Expansão Marítima Comercial, mostrada nos versos do autor português, mudou o rumo da história. Ao passar pela linha do horizonte sem cair em um abismo, como acreditava-se na época, o homem descobriu ser capaz de realizar grandes feitos sem a necessidade da ordenança divina, apenas por sua vontade. As fronteiras do Oceano foram rompidas e ajudaram na quebra do Teocentrismo.

O pensamento antropocêntrico consolidou-se. A ciência e a tecnologia evoluíram. Limites foram rompidos pela humanidade ao longo da história. A chegada do homem à Lua instigou ainda mais o sentimento de superioridade humana. O homem porém ~~tem~~ esquecido da fronteira que o próprio homem carrega e o limite a que pode chegar.

Foliano em Vidas Secas, também passa por um processo de transformação interna. Por não conseguir vencer os limites da linguagem e do conhecimento, tem que romper com a fronteira entre o ser humano e o animal, transformando-se em um bicho para se adaptar às condições do seca.

No mundo moderno existem diversos Fabianos. Latinos americanos que cruzam fronteiras de países e necessitam submeter-se a condições inumanas para sobreviver. Favelas crescentes e aumento da desigualdade com pessoas lutando para ultrapassar os limites da sobrevivência.

A capacidade de superação humana e quebra de barreiras é indispensável. Cabe ao ser humano do século XXI romper as fronteiras do individualismo para que não mais pessoas rompam barreiras do humano para sobreviverem como animais.

O desafio de delimitar fronteiras

É crescente, no contexto histórico atual, o debate sobre quais critérios devem ser considerados no momento de determinar as fronteiras geográficas de um país. As delimitações são de extrema importância, pois podem representar motivos para desentendimentos e, conseqüentemente, guerras; logo, o recomendável é que sejam traçadas após cuidadosa análise.

Geralmente leva-se em conta elementos culturais como língua, religião e costumes, de modo a unir povos semelhantes e evitar conturbações. Contudo, há casos que não correspondem a essa prerrogativa, como os países africanos. Colonizados pelos países europeus e repartidos de acordo com o poder militar e a influência política e econômica de suas respectivas metrópoles, sofrem hoje, drasticamente, os efeitos dessa divisão imposta. Conflitos tribais desencadeiam guerras civis como a de Darfur, no Sudão, onde milhares de pessoas morrem devido à batalha. Isso porque a enorme heterogeneidade de tribos nessas áreas não foi considerada, e, forçadas à coabitação, tais comunidades, por diferirem em questões delicadas como ideologias políticas e religiosas, criam rivalidades e acabam entrando em combate, provocando os cruéis cenários de guerra.

Outro problema histórico refere-se ao Oriente Médio, região de alta instabilidade política e em constante guerra; a distinção dos povos em suas religiões e regimes políticos e a radicalização de seus manifestantes geram conflitos pela posse de regiões petrolíferas, de importância econômica, e de locais históricos, como a cidade de Jerusalém, disputada por judeus, cristãos e muçulmanos. E, em meio a essa profusão de elementos distintos na mesma região, existe o maior povo sem nação do planeta: os curdos. Apesar de apresentarem características semelhantes, os curdos vivem divididos em países como Irã, Síria, Iraque, entre outros.

Portanto, atribui-se às fronteiras um amplo sentido, não só geográfico, mas também de grande influência social e cultural para o desenvolvimento de um país ou região; logo, designa-se aqueles cujo papel é decidir os limites, demarcar as linhas divisórias do globo, e frisar a responsabilidade de fazê-lo com o devido cuidado e atenção, a fim de construir uma sociedade mais igualitária e o mais pacífica possível.

Fronteiras Líquidas

Após séculos de conflitos, bem como de avanços surpreendentes no campo científico-tecnológico, as fronteiras (geográficas, físicas ou figuradas) do mundo parecem estar bem mais cristalizadas. Mas disto depende a conjunção de variáveis ~~ho~~ históricas-políticas e socio-culturais que engendram a face da humanidade. O que parecia ou tiora sólido pode se revelar deveras fluido e mutável, "líquido" para usar o celebre conceito do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (que identifica na chamada "pós-modernidade" a inconstância das formas).

A configuração política do mundo contemporâneo, por exemplo, mostra o quanto as fronteiras são tênues. O caso da Bélgica bem o ilustra, como comenta o historiador Luiz Felipe de Alencastro em artigo na "Folha de S. Paulo" de 28 de dezembro de 2008, ao tratar da possível cisão do país em dois (um de influência francófona, outro de influência flamenga). É interessante notar, neste caso, que Bruxelas, a capital belga, é um dos centros de decisões da União Europeia, bloco econômico que "sempre" vem com muitas das restrições pertencentes da Europa ocidental.

No que se refere à ciência, as fronteiras entre os diversos campos do saber, não obstante a delimitação restrita do objeto científico, parecem estar menores, impulsionadas pela necessidade do diálogo transdisciplinar mais denso entre as ciências. A busca pela "verdade" científica passa pela construção de sólidas pontes entre os campos do conhecimento, pois não há como, de fato, entendermos o mundo sem perceber as zonas de interseção epistemológica.

Diante da fluidez com que se divide o espaço ou se vislumbra o limite, as fronteiras se refazem. Daí que o mundo tal qual o vivemos, tomado pelo fenômeno da globalização e da agilidade tecnológica, parece bem mais inconstante do que cristalizado.

Fronteiras, trópicos e meridianos

Fronteiras geográficas são linhas imaginárias como trópicos e meridianos, porém, possuem significativas. Não delimitam apenas diferenças de fuso-horário ou clima, mas também língua, moeda e, etnia e religião. São um produto do homem e de seu hábito de formar grupos e se proteger da ameaça externa, sendo assim flexíveis, mudando de acordo com tendências sociais. A tendência atual, porém, impressiona por seu caráter fortemente paradoxal: ao mesmo tempo em que barreiras são rompidas e há cada vez mais integração entre os países em blocos, os movimentos separatistas se intensificam ao redor do mundo. Qual seria o significado desse comportamento contra ditório em escala global?

A criação de blocos regionais como a União Europeia e o Mercosul tem contribuído com a padronização de elementos importantes entre seus países membros, o que vem eliminando diversas barreiras. A implantação do Euro - moeda única para alguns países da UE -, bem como a livre circulação de pessoas no Mercosul representam o esvaziamento de alguns dos maiores significados das fronteiras: a moeda e a proteção. Acompanhada pela globalização, essa tendência demonstra a necessidade de facilitar a circulação e as trocas, e significa que haverá cada vez menos diferenças entre os países - notar que se cruzou uma fronteira será cada vez mais difícil.

Por outro lado, não há sinais de que os movimentos separatistas estejam perdendo intensidade. Seja em Quêbec, no Tíbet ou na região flamenga da Bélgica, grupos lutam cada vez mais ativamente para tornar oficiais fronteiras que já existem. As diferenças étnicas, culturais e religiosas já estão presentes, a reivindicação é apenas a linha imaginária e seu maior significado: soberania.

O mundo parece estar, assim, passando por um período de reaquecimento. A padronização é, sim, uma tendência. Porém, a sociedade deixa claro que não está pronta para abrir mão de todas as suas diferenças e que as fronteiras ainda têm seus significados. Falta algum tempo para que se tornem, então, como os trópicos e meridianos: apenas linhas imaginárias.

Ruína e edificação de fronteiras na história dos homens

Quando, em 1989, foi derrubado o Muro de Berlim, a humanidade deu expressão visível a um dos anseios mais frequentemente referidos na literatura, no discurso político e nos textos de origem e fusão religiosas: o anelo por um mundo sem barreiras para a convivência harmônica entre os homens, o advento de um tempo em que fronteiras - visíveis ou não - já não impedissem a livre expressão de nossa espécie como uma única entidade, unida pela participação da mesma condição e essência humanas.

A esperança que então se anunciava, com a reunificação da capital alemã, renascia no contexto específico do fim da Guerra Fria, mas era em última análise a mesma esperança que informara seja o Movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos da década de 60, seja o discurso da reconciliação de judeus e gregos em um só corpo segundo a Carta de Paulo aos Efésios do século I d.C., seja os versos claros e otimistas de Schiller, que afirmam que, sob as santas asas da Alegria, "todos os homens tornam-se irmãos", no poema do século XVIII d.C.

Essa "Ode à Alegria" é o texto usado por Beethoven para o coral de sua Nona Sinfonia, escolhida na atualidade como hino da União Europeia. Vinte anos depois da queda do Muro de Berlim, ainda há muitas fronteiras sendo progressivamente derrubadas na Europa e no resto do mundo, com unificação de moedas, leis, acordos internacionais, facilitação do trânsito de pessoas - muros visíveis e invisíveis que caem paulatimamente como que na direção do cumprimento da Ode de Schiller, da Carta de Paulo e do sonho de Martin Luther King: uma humanidade unificada, sem muros entre os indivíduos.

Há, no entanto, um incessante movimento de reedificação, reforço e criação de fronteiras: entre o México e os Estados Unidos, entre o mundo islâmico e o ocidental, entre palestinos e israelenses, entre os habitantes de condomínios fechados e o restante da população das cidades onde impera a desigualdade social.

É da natureza humana, em todos os tempos, tanto o construir quanto o destruir limites de ordem política, cultural e ideológica. De um lado, o preconceito e o protecionismo; e de outro, a esperança de um mundo unificado são as forças propulsoras de tal dinamismo nas demarcações e delimitações da vida humana: um processo antigo, contínuo, em equilíbrio e para o qual, até o momento, parece não haver fronteiras.

As Consequências das Fronteiras

No decorrer da história humana, a palavra "fronteira" marcou tanto por ser o motivo da expansão de todas as áreas do conhecimento, quanto por definir inúmeras lutas por espaço e convívio social. A natureza humana, enquanto procure sempre ampliar os limites que nos cercam, através de tecnologia e estudos, causa problemas quando a fronteira em questão é geográfica: a busca incessante por territórios e as sangrentas guerras decorrentes marcam a trajetória do homem.

Continua à sua inegável superioridade intelectual em relação aos outros animais, constante é a procura dos seres humanos por ultrapassarem seus limites. A perspectiva histórica, quando analisada no âmbito psicológico, evidencia que todos os avanços são consequências da negação da palavra "fronteira" e inúmeros são os exemplos. Ao construir pirâmides, procurava-se ir além da fronteira entre o mortal e o divino ao selar as portas aos mares durante os séculos XI e XV, pretendendo passar pelo limite do mundo conhecido; ao negar a impossibilidade de conquistar o espaço, satélites percorrem a Terra e naves pousam em outros planetas. Poder-se-ia, indubitavelmente, dizer que a aparentemente inofensiva palavra "fronteira" é a locomotiva que guia todos os grandes acontecimentos humanos.

A fronteira cuja ultrapassagem mostra os resultados mais incalculáveis é a do conhecimento. Nos mais diversos áreas do conhecimento, pessoas se recusam a admitir que haja o máximo entendimento e inovam em seus estudos. Darwin e Mendel, embora independentes, demonstraram os mecanismos de funcionamento da vida, ao retratá-la como dinâmica e mutante. Copérnico e Galileu, por sua vez, mostraram que o geocêntrico sistema estava errado e propuseram uma melhor explicação da astronomia. Freud se aprofundou na mente humana de forma inédita, enquanto Newton e Einstein, ao refutarem os modelos físicos predecessores, possibilitaram a construção de um novo mundo através da engenharia.

Entretanto o problema de tal sentimento de superação é a extrema dificuldade de compreender o que concerne ao limite dos outros seres humanos. Recusando-se a aceitar que uma linha delimite um espaço ao qual não têm acesso, homens criam desde disputas por recursos naturais até violentas batalhas para possuírem determinadas regiões. As catástrofes resultantes de questões fronteiriças evidenciam que o aspecto geopolítico precisa ser ajustado, uma vez que vidas humanas estão envolvidas.

Portanto, torna-se possível de constatação a contínua luta humana, intrínseca à sua existência, para impedir que a palavra "fronteira" signifique uma prisão, um limite, um fim. É necessário conciliarem-se todos os aspectos relacionados a esta palavra, de forma a favorecer o desenvolvimento e evitar o desperdício de vidas e recursos.

Atando os nós

Reside no nome mesmo a ideia de que, no atual mundo globalizado, as fronteiras parecem não a fazer parte do mundo. É, entretanto, um conceito falacioso. Especialmente quando entendemos não apenas a possibilidade da globalização, mas também o fato de que as fronteiras, sejam elas políticas, econômicas ou sociais, têm, ainda que fluidas, grande importância dentro das estruturas sociais.

Sobre a globalização, o filósofo brasileiro Milton Santos atribui um novo eixo em sua obra os dois momentos nos quais ela se apresenta: como global e como parvo-localidade. A primeira é a ideal falaciosa de que hoje vivemos em uma "aldeia global" e de que temos condições de mundo. Foi uma boa construção pelo poder midiático. A segunda, como parvo-localidade, é a sua realidade no local para a maior parte do mundo. Converte-se na falta de agir de maneira relativa, pois os meios técnicos-científicos-informacionais, que permitem sua existência, não são acessíveis para a grande maioria. Ela pode parecer construída de várias maneiras: tanto por meio da relatividade eclusiva do continente africano do capitalismo financeiro, quanto pelo simplismo de um mundo no confronto entre África e EUA, alusão de ilusão do longo prazo, mas sem matizes.

É impossível, entretanto, o papel da globalização na superação de diversas barreiras culturais. A tecnologia de comunicações permitiu, com poucas globalizações, o contato mais próximo com culturas de diversos pontos do ~~continente~~ planeta. Além disso, a própria difusão da informação — ainda que desigual e tendenciosa — e de comunicação tornou-se mais simples e veloz. Hoje, é possível viajar pelo mundo com alguns cliques de mouse.

Uma maior possibilidade de interação não significa, porém, a superação de diferenças e das fronteiras físicas culturais. Exemplos disso são a globalização da TV. Tiveram países africanos, após serem criados pelas superpotências no século XIX, vivem em constante guerra civil, mas que continuam suas diferenças, dificultando ainda mais a vida daqueles que ali habitam. Ou ainda o próprio continente europeu, onde inquanto a União Europeia luta contra os nacionalismos para eliminar fronteiras, outras são criadas na sua própria lista, na separação de Kosovo, de Etnia Albanesa, da Sérvia, ou mais recente Húngria de desmembramento da antiga Jugoslávia.

Assim, as fronteiras não deixam de um intervalo de comunhão dentro das relações sociais. Sua importância, entretanto, não pode ser relativizada. Tanto no âmbito geopolítico quanto na estrutura social, elas ainda têm um papel de suma importância, pois dentro das visões ou estruturas, de acordo com a comunidade de alguns.

Redação - FUVEST 2009

Não sejam as últimas, sejam sempre as primeiras.

Poucas palavras provocam sensações tão ambivalentes quanto a palavra fronteira, seus sinônimos e conotações: A um só tempo expressão de ordem sobre o caos, dos contornos que delimitam unidade, de um necessário respeito, mas também um convite à superação, à transgressão, à simplificação dos horizontes. O que seria de nós se adotássemos as fronteiras das águas, florestas e montanhas, poderíamos perguntar. Não duraríamos muito nossas corpos frágeis na natureza selvagem. Aqui estamos, pois, que superamos. O ponto agora é saber o que não superaremos e isto menos que o queremos e não queremos, ou não devemos superar.

Com seus instrumentos, de primeira classe à mais avançada tecnologia, extensões de seu corpo, o homem constituiu uma espécie qualquer. É graças à técnica, à ciência que o homem satisfaz suas necessidades mais básicas, cria novas e expande seus limites. Sobrevivemos a desertos, montanhas, oceanos e geleiras. Já enxergamos distâncias telescópicas e microscópicas, estivemos na lua e só estamos começando. Mas os feitos do homem não começaram com um Robinson Crusoe - nem o próprio nasceu naufrago.

É somente por vivermos em sociedade que crescemos, sem esta não teríamos cultura, linguagem ou história - fronteiras bem concretas - e estaríamos condenados a sempre reinventar a roda ou morrer no beco das ideias. Se assim prolongamos e melhoramos tempo e condições de vida. Se assim podemos perguntar, mas pra quê? De onde? Por quê? Vidas menos secas. O que nem sempre nos preocupa, todavia, é o "como", o "a que custo" e o "destruindo" já que tanto foi feito. Crescemos a partir de necessidades e condições reais, superando-as e reinventando-as. Ainda assim, e apesar de fontes pobres, estas não são vistas nunca como excedentes. E mesmo ao constatar essa excêntrica escassez de recursos, nem a mais poderosa das mentes pode enfrentar uma lógica autofágica, meticulosa no particular, desastrosa no conjunto. Talvez se queira superar a própria vida no planeta Job o argumento de fronteiras financeiras a serem batidas.

Não são perguntas e afirmações retóricas. De inocentes, apenas a experiência. É certo que toda fronteira concebível gera o ímpeto de superação, mas a ninguém cabe o papel de juiz universal para escolher e que se deve e o que se não deve enfrentar. A morte, talvez, nunca superaremos. Certamente, contudo, estaremos limitados ao que nos legou algum passado, a herança de todas as gerações mortas. Contra ela resta-nos uma estreita, mas essencial margem de manobra em direção ao futuro. De nossa parte há fé e esperança, com promessa em ações, de que cada vez mais indivíduos notem que as verdadeiras fronteiras não são os confins do espaço ou as dimensões sub-atômicas. Este é o olhar que no fundo olha para dentro de si mesmo. É o hora de olhar para o lado. É hora de superar as fronteiras que nós criamos, muros às vezes de pedra, outros invisíveis, mas que se fazem sentir entre indivíduos e nações. É hora de enfrentar a intolerância, a miséria e garantir as condições do amanhã. Abrir as fronteiras, mas pela parte da frente, com o ser humano no centro. Fronteiras que não sejam as últimas, ainda que sejam as primeiras.

As fronteiras fronteiras e suas consequências

As fronteiras podem ser usadas na política, na geografia, na biologia, na linguagem e nas relações interpessoais. Com qualquer contexto, todavia, elas significam limitação seja entre países, entre culturas, seja entre pessoas e regiões; essas fronteiras são impostas por interesses e por necessidade de poder, mudando-se constantemente.

Nesse contexto, observa-se o choque das fronteiras culturais e geográficas no mundo, diluindo toda a história da humanidade. No passado, romanos expandiam seu império e não respeitavam os povos que conquistavam e, por isso, surgiam conflitos entre guetos por delimitações de territórios de acordo com as origens, e o que era um grande império passava a conter diversos países. Com consideração esse exemplo, a África foi partilhada pelos superpotências após a Primeira Guerra Mundial e o mesmo aconteceu: até hoje esse continente é um enorme palco de disputas territoriais. A história do homem, portanto, é baseada em conflitos por poder e por as fronteiras garantem a dominação de um povo sobre o outro, ou a sua dominação; por a partir do desenvolvimento das tecnologias, a territorialidade é entendida como impessoal e os limites não são mais essenciais.

As fronteiras, entretanto, nem sempre são fundamentais. Embora uns povos tenham seus diferenças e seus subgrupos, cada qual com costumes diversos, todos possuem em uma força superior que lhes dá origem e expansão. Portanto, procurando se reconhecerem, eles conseguem se estabelecer em um mesmo território de forma pacífica, respeitando as desigualdades. Ao contrário, mesmo quando há uma situação estável, o homem é movido pela ambição de dominação e as fronteiras são novamente mudadas, atraindo as diferenças e aumentando a tensão.

Não, contudo, um tipo de fronteira que deve ser estabelecido para a preservação das relações sociais, tanto entre nações, quanto entre indivíduos: o limite do suportável. Os órgãos mundiais responsáveis pela paz mundial e pela amenização dos conflitos devem atuar por um limite, tendo como principal objetivo a não destruição do homem pelo próprio homem. As fronteiras têm que ser impostas pela preservação da espécie humana e não, pela sua exploração; e devem ser modificadas com o consentimento das partes envolvidas; não pelo interesse de certas nações que, muito poucas, têm o seu caso a situação. Sendo assim, as leis são um tipo de limite eficaz, pois permitem a convivência dos povos e estabelecem até que ponto a humanidade pagante as hostilidades dos mundiais por meio de regras. As fronteiras, portanto, têm que ser cuidadosamente planejadas, pois que suas consequências podem ser desastrosas e de difícil solução.

As boas fronteiras que estimulam o homem

Invenção do homem para definir limites, a palavra fronteira simboliza hoje muito mais que a divisa entre dois países. Poderendo ser utilizada na ciência, fronteira ganha significado de barreira ao conhecimento e incentiva o cientista a superar as limitações, criando assim, mais limites para serem ultrapassados.

Um dos homens que superou ~~uma~~ fronteira da ciência foi Albert Einstein. Com sua teoria da relatividade Einstein derrubou teoria que duravam anos, abalando a física de Newton e sacando dúvidas até então inexplicáveis. Também derrubando limites, Galileu Galilei revolucionou a observação dos astros. O urso observador italiano criou instrumentos de tecnologia nunca vistos ^{que facilitaram} a descrição dos movimentos dos astros, e sua conclusão sobre a forma esférica do Planeta Terra. Esta última teoria de Galileu, porém, abanhou em outro limite, o religioso. Obrigada a desmentir sua conclusão sob pena de ir à fogueira Galileu foi berrado por dogmas religiosos. As barreiras religiosas, porém, caem. Hoje em dia a Igreja Católica "perdoou" Galileu e admite que a Terra é uma esfera e que não é o centro do universo.

Oportos das quase inultrapassáveis fronteiras religiosas são as fronteiras geopolíticas. De constante mudança, todos países já sofreram alterações, pacíficas ou não, em seus territórios. Amadurecimento de limites territoriais, todavia, não é mais uma tendência mundial. A globalização, com o exemplo da União Europeia, deixa entre os países apenas barreiras culturais sendo todos outros limites, inclusive os de mercaderias e pessoas, suprimidos. Na contramão dessa tendência global estão Israel e Estados Unidos que revivem os tempos de muralhas sob o argumento de defesa da população e barreiras imigrantes ilegais, respectivamente.

A criação de barreiras, entretanto, mostra não ser uma boa arma para conter o homem. A realidade nos afirma isso e é comprovada pela continuidade dos problemas em Israel e nos EUA. O homem tem a magnífica tendência de ultrapassar barreiras, sendo estas muros ou limites da ciência.

As fronteiras, portanto, sempre estarão presentes na vida humana. Cabe ao homem perceber que os bons limites devem existir, gerando uma maior unicidade para evoluir. As barreiras que impedem a liberdade, entretanto, devem cair, porque além de inúteis não tem sentido em um planeta que configura-se cada vez mais como a Terra de todos.

A FRONTEIRA DA PALAVRA

EXISTE UMA FRONTEIRA ABSTRATA ENTRE AQUILO QUE PODEMOS DIZER E AQUILO QUE NÃO PODEMOS. NÃO PODEMOS NÃO POR SER PROIBIDO OU TABU, MAS SIMPLEMENTE EXISTEM COISAS QUE ESTÃO NO CAMPO DO INDIZÍVEL — IDÉIAS SEM PALAVRAS CORRESPONDENTES, EXPERIÊNCIAS QUE POR MEIO DA LINGUAGEM NÃO SÃO DESCRITÍVEIS, SENSAÇÕES INTERNAS COMO DOR, COISAS NUNCA VISTAS QUE NÃO TÊM NOME.

POR MEIO DE CONVENÇÕES, A ARTICULAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE PALAVRAS EM TERMOS EM ORAÇÕES EM FRASES EM PERÍODOS EM TREÇOS E EM TEXTOS NOS PERMITE REFLETIR, COMUNICAR, EXPRESSAR, INTERPRETAR A FALA POSSIBILITA MUITO. MAS O QUE ELA RESTRINGE? PALAVRA NÃO TEM COR. A PALAVRA "BORRACHA" ESTÁ DESLIGADA DO OBJETO BORRACHA.

"BORRACHA" PODE SER VERMELHO OU AZUL, MAS QUANDO VEMOS UMA BORRACHA, ELA NÃO PODE SER. É VERDE E MALVA OU BRANCA E ÁSPERA.

ENTÃO TEMOS O GESTO. É A IMAGEM, O SOM, A TEXTURA. TALVEZ A INTERSECÇÃO DE ELEMENTOS ALIADOS À PALAVRA INICIE DIÁLOGOS MAIS COMPLETOS. E NÃO É ISSO QUE A ARTE FAZ? JUNTA ELEMENTOS DIVERSOS DA VIDA COTIDIANA PARA CONTAR HISTÓRIAS, INTERPRETAR SITUAÇÕES, REFLETIR?

A ARTE CHEGA PERTO DA FRONTEIRA DIZÍVEL — INDIZÍVEL. TALVEZ ATÉ TRAGA ALGUNS ELEMENTOS NOVOS PARA O CAMPO DO DIZÍVEL. MAS NÃO SÓ ELA! TAMBÉM A CIÊNCIA UTILIZA-SE DE MECANISMOS E INSTRUMENTOS PARA REVER O MUNDO.

MAS O LIMITE NÃO DEIXARÁ DE EXISTIR, POR MAIS QUE A CIÊNCIA SE TORNE MAIS PRECISA E A ARTE MAIS COMPLEXA, ENQUANTO OS PRESSUPOSTOS HUMANOS FOREM DIVERSOS, AS LEITURAS FOREM INDIVIDUAIS E OS REFERENCIAIS DE OBSERVAÇÃO NÃO FOREM FIXOS, A REALIDADE ~~REPERCUTIRÁ~~ SERÁ VARIADA, E A FRONTEIRA HÁ DE SE MANTER.

PODE SER BOM NÃO CONSEGUIRMOS FALAR DE TUDO. SOBRA UM POUCO DE MUNDO, INDIVISÍVEL, PARA CADA UM.

Assim restrito

Desde a formação das primeiras sociedades sedentárias, verifica-se o estabelecimento de fronteiras físicas e culturais, que separam diferentes civilizações no espaço geográfico mundial. Essas fronteiras, contudo, não são fixas, tampouco intemporais. Ao longo do tempo, mudanças sociais, políticas e econômicas redesenham o traçado do globo, estando ele ainda sujeito a transformações.

Nesse contexto, a Europa destaca-se pela sua história, apresentando as mais diversas transformações político-econômicas nos últimos séculos. Palco de duas guerras mundiais e conflitos de território existentes desde a Antiguidade, o continente também foi alvo de nacionalismos e ideologias que configuraram o atual traçado europeu. Assim a criação da União Europeia — órgão que defende a cooperação entre os países do continente — contribuiu para a amenização das fronteiras no que diz respeito à economia, à sociedade e, de certa forma, à política no período pós-guerra. Um exemplo disso é a livre circulação de pessoas prevista pela União, o que possibilita uma mobilidade das fronteiras geográficas na Europa. O problema é que os países-membros mostram-se favoráveis somente a determinados movimentos de fronteira. A intolerância e xenofobia de algumas nações contra estrangeiros, além das consecutivas negociações ao pedido de entrada da Turquia à União, apontam para uma contradição dentro do bloco, que não aceita a presença de imigrantes africanos, ou a própria circulação da população turca, de maioria muçulmana.

Esses fatos evidenciam a existência de outros tipos de fronteiras — social e cultural, principalmente — estando elas presentes no mundo todo. No Brasil, por exemplo, ainda que não haja limites físicos, são visíveis as fronteiras sócio-culturais, acentuadas pela desigualdade social e a concentração de renda no país. Apesar dos esforços de união defendidos pelo processo de globalização, as limitações econômicas de determinadas sociedades impossibilitam a destruição de barreiras que impõem a sua separação em relação ao mundo.

Não se trata, portanto, de uma questão meramente geográfica. Verifica-se a presença de outros fatores determinantes na criação e na manutenção de fronteiras. Apesar da sua mobilidade comprovada pela história, o atual interesse das classes dominantes e das potências mundiais influenciam o traçado das nações — fato evidente na partilha da África realizada em Berlim — e impõem limites a grupos sociais que desejam ultrapassá-los. Assim, esse fenômeno de flexibilização das fronteiras não se tem estendido a toda a população, seja por motivos políticos, sociais, econômicos ou ideológicos.

Guiando o progresso

Assim como o homem está constantemente envolvido em guerras...
...aíris que visam à reformulação de fronteiras, ele igualmente se empenha em des-
...brir as fronteiras do conhecimento, ultrapassando as barreiras da ciência, da antro-
...nomia e da tecnologia.

As descobertas novas planetas, efetivar a cura de doenças e elaborar no-
...vos utensílios tecnológicos - essenciais à vida humana ou não -, o homem se sente pede-
...roso pois aranga um território ainda inexplorado. Quebrar essas barreiras in-
...vencíveis tem sido praticamente um paratempo para o homem moderno, que se sente
...cada vez mais onipotente e necessitado de novas descobertas para atingir sua
...plenitude.

A população, porém, iludida pelo aparente progresso mundial, acaba
...aplaudindo muitos remédios novos que os realmente necessários jamais poderão
...comprar. A sociedade falha no seu papel de refletir sobre a ultrapassagem de tan-
...tas fronteiras do conhecimento. Afinal, se tamanho progresso fosse fato, toda uma
...das descobertas tanto científicas quanto tecnológicas serviria, de alguma maneira,
...para auxiliar a vida humana em geral, e não para pertencer apenas à classe
...médica e alta.

Nota-se, evidentemente, a falta de um verdadeiro porquê na quebra
...de barreiras. O mundo parece viver, hoje, um parvasianismo em seu grau mais elo-
...cote no qual não se predomina o lema "a arte pela arte" como também a ciência
...pela ciência, a tecnologia pela tecnologia e, sobretudo, o progresso pelo progresso. Se
...o homem voltasse a cultivar sua ética e moral, facilmente perceberia que todo o pro-
...gresso deveria existir para servir à humanidade como um todo e, assim, poder vencer fron-
...teiras solucionando os problemas que precisam ser solucionados, como a desigualdade
...social, para que novas fronteiras possam vir a ser devidamente ultrapassadas.

Cabe ao homem, então, tanto cientista quanto simples cidadão, guiar a
...abolição de fronteiras para um caminho que ofereça mais qualidade de vida à
...humanidade, e não mais miséria e injustiça.

A fronteira da diferença

O mundo, com as avanços das tecnologias e, conseqüentemente, com os espaços das meios de transporte e de comunicações, tornando o contato entre as povos mais distintos mais fácil, rápida e barato, povos e minor. Não seria que com essa grande modernidade, nós estamos diminuindo nossas fronteiras? Ou estamos a aumentá-los, por vontade de que-
 stioná-los? Afinal, se que define as verdadeiras fronteiras entre nós os nós?

Com os avanços tecnológicos e com a globalização, a homogeneização entre os povos principalmente entre a população mais jovem, povos em cada vez mais uma contatos. Muitas apresentam as mesmas questões literárias, cinematográficas e musicais, da da a apropriação mundial dessas culturas de uma forma imediata e quase homogênea para um meio diverso povos. Neste caso, pode-se considerar que a fronteira de conhecimentos e de informações entre essas grupos praticamente inexistente. O exemplo do Brasil pode ser como os países de uma banda do outro, por exemplo, ao mesmo tempo e do mesmo modo que uma pessoa da Inglaterra ou da África do Sul, assim, se que povos a importância mais a disponibilidade de acesso a informações, sobretudo também a conclusão socioeconômica dessa povos que acaba por determinar, muito mais, o nível de cultura e de informação. Por uma dica, as fronteiras geográficas povos povos determinantes para a nova formação cultural e social, assim como povos repitir povos para determinar o novo nível do mundo.

Porém, pode-se observar que, em alguns casos, a fronteira entre povos povos aumentar a cada dia. Os meios de transporte que "diminuem as distâncias" entre as localidades podem também por facilitar a chegada de um grande fluxo de população de povos mais pobres para povos mais ricos, em busca de melhores condições de vida. Os povos receptores, deve modo, por admitirem que os povos dos países povos apresentam níveis ao mesmo das nativos se por considerem que eles são inferiores aos povos do país de origem, muitas vezes adotam medidas para se fecharem, de modo a se tornarem barreiras intransponíveis ao livre acesso. Medidas adotadas pela União Europeia para dificultar a imigração exemplificam isso. Nesse caso, as fronteiras de conhecimento já estavam formadas, sendo que as fronteiras geográficas também se tornam mais difíceis de serem rompidas, como um grande símbolo de diferença entre povos. Diferenças entre povos também podem ser notadas, como no caso da fronteira entre a China (comunista) e Brasil (capitalista). Nesse caso, a fronteira geográfica, que nos apresenta tão fácil de ser vencida, difere uma diferença enorme entre os povos que por isso que intensos são e inúmeros conflitos na região.

A verdadeira fronteira é aquela de os vários significados. Além disso, deve modo, povos muito relevante quando há desigualdade e, conseqüentemente, harmonia entre os povos. Afinal, há diversos fronteiras entre nós, povos como assimidamente diferentes em seu modo de ser e de nos posicionarmos diante da vida, independentemente do tempo em que habitamos. Assim, essas fronteiras entre nós, devem ser usadas de modo a tornarmos responsáveis e assim, de nos diferenciarmos culturalmente, e não como antes povos grandes mais conflitos e mantinhamos ainda mais nossas diferenças.

Cadê a minha fronteira que estava aqui?

O nosso mundo moderno ou pós-moderno tem colocado em cheque muitos, senão todos, dos termos, conceitos e visões de mundo que o racionalismo positivista nos prometia como o caminho seguro para o "progresso" da humanidade. O próprio debate atual no sentido de encontrar uma definição para a nova época dilui-se em uma miríade de conceitos e definições que se interpenetram e se chocam permanentemente, sem um consenso final. Estaríamos em uma segunda modernidade? Modernidade tardia? Líquida? Na pós-modernidade? Seriam estas tentativas de classificação uma prisão a um mundo que já morreu? Se há um conceito crucial que foi colocado em cheque na fabricação dos discursos que pretendem explicar que mundo é este de hoje em que nos encontramos perdidos, desmoteados, desterritorializados é o conceito de "fronteira".

Depois de três grandes pensadores - Nietzsche, Marx e Freud -, e mais ainda com o pós-estruturalismo de Foucault e Deleuze, os limites do nosso mundo judaico-cristão começaram a perder a força e a solidez da sua razão metafísica. O que estava para além do homem e seu mundo físico, terreno, individual - como os ideais de verdade, justiça, beleza, unidade, e a própria ideia de Deus, ou da força criadora - na modernidade passa a habitar o próprio homem.

O que não quer dizer que os limites tenham desaparecido e as fronteiras, abolidas. Não. O que mudou é que não há mais mundos estanques, herméticos a dividir. Seja o físico, do metafísico. Seja o capitalista, do socialista. Seja o social, do individual. Seja o presente, do passado ou do futuro. Cada vez mais assumimos a ideia de um mundo não sem fronteiras - como poderia parecer superficialmente -, mas de um mundo em que as fronteiras não são mais fixas e conhecidas. De fronteiras extremamente ~~vasta~~ voláteis, de difícil localização ou detecção.

Se as fronteiras não deixaram de existir, tornaram-se muito mais poderosas na sua invisibilidade. É exatamente em função do seu caráter imperceptível que a sua força tornou-se ~~mais~~ estupidamente cruel contra aqueles que inocentemente acreditam que tenham chegado ao seu fim.

Os muros de Berlim, se cada vez mais perdem o seu lugar na geografia física - ainda que assistamos, da poltrona, à construção de alguns últimos bastiões da rigidez, como também vergonhoso muro imposto por Israel à Faixa de Gaza, cada vez mais assumem seu papel na geografia humana, privando milhões das benesses dos inumeráveis progressos técnico-científicos do mundo do capitalismo digital.

Fronteira salutar?

As fronteiras geográficas originam-se, sobretudo, das fronteiras do pensamento humano. Os limites estabelecidos pelo homem, ao longo dos séculos, resultaram de vários motivos, sejam eles políticos ou culturais. No âmbito contemporâneo, muitas barreiras fomentam tensão, todavia elas não necessariamente são algo ruim. Embora sejam fruto do individualismo e egocentrismo humano, são também forjadas pela diversidade e evolução do pensamento.

A divisão do mundo em países nos é tão natural que não questionamos o porque de linhas limitadas. Essencialmente criamos, que as diferenças entre povos as tornaram indispensáveis. É claro que definir limites e regras evita a disputa por autoafirmação e busca por direitos. A soberania garante a tradição sua manutenção, e o contrato social impõe deveres e educação. Mas as fronteiras podem sufocar e tolher o desenvolvimento. Quando estabelecemos limites para o pensamento impedimos que idéias diferentes possam progredir.

Contudo, não se pode negar que as fronteiras são primordialmente consequência da divisão do pensamento individualista do homem de assegurar unicamente seus interesses. Manter um pensamento unilateral não democrático desemboca, muitas vezes, na segregação espacial. O confronto de opiniões opostas pode gerar tensão. As guerras de fronteiras não são recentes. A discordância entre duas lideranças criada pelo confronto de diferentes crenças políticas ou culturais culmina em novas barreiras. Os muros não só são provas concretas, mas também símbolos da divisão de pensamento humano. O muro de Berlim dividiu duas ideologias, o muro de Creta separava duas culturas e o muro entre EUA e México segrega duas esferas de desenvolvimento econômico.

Entretanto, as fronteiras podem ser vencidas. Tratando-se de limites, a evolução do pensamento é capaz de vencê-los. Sem dúvida, as diversidades são essenciais à humanidade e o debate de pensamentos é salutar. A curiosidade, enquanto insatisfeita, gera mobilidade e múltiplos significados. Assim, rever idéias e a dialética entre elas e tirar novas conclusões gera mais tolerância à diferença e mais aceitação sem preconceitos. E por fim, isso se aplica as barreiras geográficas e a harmonia entre os povos.

De fato, as fronteiras são o retrato das divergências de interesses e opiniões de cada sociedade humana, ou seja, são oriundas, a priori, das fronteiras do pensamento. Elas podem ser ultrapassadas ou, infelizmente, responsáveis por barrar o progresso das idéias. Por fim, seria imprescindível a humanidade que os limites não impedissem, mas sim estimularem a busca por tolerância física e mental.

Um passo além

Desde tempos remotos as fronteiras foram criadas para delimitar territórios. Os limites davam a posse da região a determinadas povos. Desde isso em vista, muitas guerras já foram declaradas devido a extensões de terras e seus possuidores. Porém, de acordo com a evolução do homem, o conceito de fronteira também vem se tornando mais complexo e se refere não somente a terras, no sentido literal, como também a relações humanas, conflitos filosóficos e psicológicos.

Cabe hoje o homem lutar para conseguir novas propriedades. É uma característica inerente ao homem, já que desde quando a ~~existência~~^{humanidade} existe há conflitos pela posse de terras. Na África, por exemplo, as fronteiras são artificiais, ou seja, não foram delimitadas pelos locais, e sim, por estrangeiros. Tal fato causou e ainda gera muitos conflitos no continente e esse é um dos motivos fatores responsáveis pela miséria da população. Já no Oriente Médio, as guerras são geradas em torno das terras possuídas de jazidas de petróleo. Ou seja, ao que diz respeito a delimitações físicas do espaço, o homem se move com seu instinto capitalista e egoísta para modificar a seu favor o espaço.

Outra, por outro lado, há sentidos ocultos na palavra "fronteira", os quais atingem o homem de uma forma muito mais profunda. Tal palavra pode ter, além do significado supracitado, o sentido de designar regras. São, por exemplo, limites comportamentais quando dizemos respeito a relações homem/homem e homem/sociedade ou até barreiras internas do ser humano, como medos e receios. Em toda sociedade há regras para o bom convívio social, são fronteiras, as quais não devem ser ultrapassadas. Assim, existem ainda as barreiras que fazem o homem evoluir. No campo tecnológico, a inteligência do homem o leva a construir inúmeras aparelhas, as quais o ajudam na melhoria da saúde e do trabalho. Contudo, há também as fronteiras pessoais, que ajudam o homem a crescer como ser humano ao ultrapassá-las. Estas são as mais difíceis, todavia, ao dar o próximo passo a glória é imensa.

Portanto, as fronteiras são importantes pois delimitam limites saudáveis para o homem. No espaço físico separam diferentes povos, no emocional criam grandes obstáculos. Cabe ao homem encontrar seu limite e respeitá-lo e assim, ultrapassar suas barreiras.

A transposição de fronteiras determina novas fronteiras.

O ser humano, ao longo de sua evolução, caracterizou-se pelas inúmeras conquistas, seja no campo geográfico ou no intelectual. A partir da necessidade de conquistas locais e contínuas nunca antes atingidas, a superação das barreiras impostas passou a ser estimulada. Denominadas como fronteiras, estas estabeleceram a divisão entre o desejo de conquista humana, sua efetivação e seu demarcamento.

Através de inúmeros estudos científicos, constatou-se que, há milhares de anos, os primitivos, em decorrência de nomadismo, migraram, a partir do território apícola, aos demais locais do planeta, caracterizando, assim, a superação de barreiras geográficas e mesmo climáticas, a fim de garantir sua sobrevivência. Embora distante da atual realidade, esse acontecimento contribuiu para a definição da sociedade contemporânea. A partir do momento que uma fronteira foi transposta, imbuíram-se novas fases e acontecimentos que culminaram em novas fronteiras, que também deverão ser transpostas.

Nesse sentido, pode-se observar que a superação de determinados obstáculos possui um caráter cíclico. Trata-se de uma divisão entre o que será conquistado e a sua real conquista. A expansão territorial, com destaque às Grandes Navegações do século XV, à Doutrina Monroe norte-americana, ao imperialismo europeu, entre outros, são exemplos — assim como a migração de primitivos — que ilustram essa superação e, posteriormente, o encontro com novas fronteiras: dominação de populações nativas, estruturação da economia e da sociedade, entre outros.

Dessa forma, o ser humano, embora caracterize-se pelas inúmeras conquistas, sempre se deparará com fronteiras a serem transpostas, já que trata-se de um fenômeno cíclico que, uma vez iniciado, nunca terá um fim. A cada nova barreira, tanto geográfica quanto científica ou intelectual, determinará novas barreiras, contribuindo para a evolução humana ao longo dos tempos.

As novas fronteiras (físicas ou não), em um mundo globalizado.

Desde a década de 1980, com o "boom" da globalização, o que era uma tendência acabou se consolidando: o livre comércio entre as nações das países ditos globalizadas. Essa nova ordem econômica, marcada pela importação de uma quantidade enorme de produtos da norte a sul, leste a oeste do mundo, pela adoção de uma moeda única na Europa, pela quebra de fronteiras de mercados entre países vizinhos como o MEE-COSUL ou o pacto entre os países da América do Norte, pode ser vantajosa para países em desenvolvimento como o Brasil?

Segundo a definição de fronteira, uma delimitação territorial, política, econômica ou cultural, pode-se pensar que a globalização irá unir os países e tornar as trocas mais justas e igualitárias. Porém, é de sumo interesse para países desenvolvidos como os EUA ou outros da Europa Ocidental o livre comércio de mercados abertos, já que estes conseguem assim dominar mercados de países em desenvolvimento (como o Brasil) com produtos de alta tecnologia, como royalties, robótica e informática, ao mesmo tempo que importam a baixos preços produtos básicos, como alimentos e produtos agrícolas. Ou seja, ao mesmo tempo que a possibilidade de comércio para países de terceiro mundo se expande, com menor protecionismo em relação a produtos básicos, uma outra fronteira é fortalecida, já que com o monopólio da tecnologia estes países pobres não têm condições ou estímulo a competir com produtos industriais altamente tecnológicos, como computadores e carros.

Essa produção tecnológica (física ou não, como no caso dos royalties ou direito de produzir um determinado produto pagando para a empresa criadora) é que, de fato, mede o desenvolvimento de um país, como no caso do Japão e sua ascensão pós 2ª guerra.

A aparente quebra, ou distorção das fronteiras econômicas entre os países não são vantajosas à todos, de maneira que a tendência é manter ou oscilar ainda mais as diferenças econômicas entre os países ^{sub}desenvolvidos. O ideal seria o estímulo estatal ao desenvolvimento de tecnologia cara, e ao fortalecimento do mercado interno com os produtos nacionais, sem se basear tanto na exportação de produtos básicos, para quem sabe um dia, os países pobres consigam diminuir a fronteira do poder.

AS NOVAS FRONTEIRAS DAS METRÓPOLES LATINO-AMERICANAS

AS FRONTEIRAS DO TERRITÓRIO URBANO DAS PRINCIPAIS METRÓPOLES LATINO-AMERICANAS ESTÃO SOFRENDO MUDANÇAS QUE PODEM SER ASSOCIADAS ÀS ALTERAÇÕES EM CURSO DOS PROCESSOS ECONÔMICOS. APOIADA NOS NOVOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO EM REDE E NOVOS MEIOS DE TRANSPORTE DE ALTA VELOCIDADE, A ECONOMIA DE CAPITALS VEM SOFRENDO A CHAMADA "GLOBAUZACAÇÃO", OU ELIMINAÇÃO DAS ANTIGAS FRONTEIRAS TERRITORIAIS. AS METRÓPOLES EM GERAL ADQUIREM PAPEL DE DESTAQUE NA VALORIZAÇÃO DESTA CAPITAL E NA VIABILIZAÇÃO DESTA NOVA ECONOMIA, SENDO ELAS OS NÓS DESTA REDE MUNDIAL. A ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS DO CAPITAL INTERNA CIONAL PASSA A SER RECONHECIDA COMO A ÚNICA FORMA DE MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA DOS CIDADÃOS, SENDO TOMADA COMO O PRINCIPAL OBJETIVO DAS GESTÕES E POLÍTICAS LOCAIS.

NA AMÉRICA LATINA ESTA VINCULAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO URBANO COM A ECONOMIA GLOBAUZADA LEVA A PROFUNDAS ALTERAÇÕES TERRITORIAIS REGIONAIS E INTRA-URBANAS. DENTRE OS PRINCIPAIS PROCESSOS DE MUDANÇA PODEMOS CITAR: O SURTIEMENTO DE NOVAS FORMAS DE MORAR, NEGANDO A METRÓPOLE CONGESTIONADA E POLUÍDA, E CRIANDO NOVOS ENTENDIMENTOS RESIDENCIAIS DE BAIXA DENSIDADE NOS SUBÚRBIOS; O AUMENTO DA MOBILIDADE INDIVIDUAL E DEPENDENTE DO AUTOMÓVEL; E O SURTIEMENTO DE NOVOS ARTEFATOS URBANOS FORA DO NÚCLEO CENTRAL E PRÓXIMOS A GRANDES EIXOS DE DELOCAMENTO ROVIÁRIO - COMO OS "SHOPPING CENTERS", GRANDES LOJAS, CENTROS DE NEGÓCIOS, ETC. ESTES PROCESSOS TRAZEM O AUMENTO DA IMPORTÂNCIA DO CAPITAL PRIVADO E DA LÓGICA PROFITANTERAMENTE CAPITALISTA NA PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO.

DESTA FORMA, A METRÓPOLE SE DESFRONTIERIZA NO CONTEXTO REGIONAL, ONDE A CIDADE ADQUIRE NOVAS FORMAS E O CAMPO PERDE SUA CARACTERÍSTICA RURAL. NESTE "URBANO TOTAL" O FLUXO DE PESSOAS E BENS, DA MESMA FORMA QUE O FLUXO DE CAPITALS, SE TORNA O ESTRUTURANTE DA DINÂMICA URBANA. COMO UMA CONTRADIÇÃO INERENTE, ESTE PROCESSO LEVA AS METRÓPOLES LATINO-AMERICANAS À CONSTITUIÇÃO DE NOVAS FRONTEIRAS INTRA-URBANAS, REVELADA NA SEGREGAÇÃO TERRITORIAL. FORMAM-SE TERRITÓRIOS DE PRECARIEDADE E TERRITÓRIOS DE EXCELÊNCIA, CONVINDO EM ÁREAS PROXIMAS DAS ESTANQUETAS NO ACESSO. CADA VEZ MAIS A POPULAÇÃO SEM CAPACIDADE DE RENDA É OBRIGADA A SE ASSENTAR EM ÁREAS SEM VALOR PARA O MERCADO, SEJA PELA PRECARIEDADE DA INFRA-ESTRUTURA, SEJA PELA FRAGILIDADE AMBIENTAL DO TERRITÓRIO. O ACESSO À METRÓPOLE DA QUALIDADE DE VIDA TEM COMO NOVA FRONTEIRA A CAPACIDADE DE RENDA (DE RENDAS). O URBANO, DO ESPAÇO PÚBLICO, PASSOU PARA O ESPAÇO DO CONSUMO. SEM A PROTEÇÃO FÍSICA, A METRÓPOLE SE ORGANIZA AGORA A PARTIR DA FRONTEIRA ECONÔMICA.

ALÉM DA FRONTEIRA FÍSICA: A LINHA SOCIAL

Ao definirmos "fronteira", muito se pensa sobre seu significado demotativo. Este gera situações tensas, propícias à eclosão de atritos. Porém, ao focarmos a sociedade, notamos uma limitação imaginária, que separa e define diferentes classes. Uma barreira que nem mesmo a diminuição da distância pela tecnologia conseguiu extinguir.

Ainda hoje, a delimitação do espaço físico por países continua sendo fonte de conflitos entre nações. Se anteriormente desejava-se a ampliação das fronteiras para a obtenção de riquezas e fortalecimento de impérios, hoje a vontade é mais modesta: a simples formação de um país para um povo ou nação. É assim com os bascos no norte da Espanha e com os curdos no Oriente Médio. Porém, semelhanças ainda persistem, como a violência utilizada para a imposição de interesse. Através de disputas armadas, muitos são os prejudicados: donos de ataques terroristas e povos massacrados.

E se enganam aqueles que pensam em fronteiras como algo extenso e internacional. Há uma tênue e invisível linha separando pessoas de uma mesma nação e língua, uma divisão social que distingue o rico do pobre, o letrado do analfabeto, o chefe do submisso. Uma barreira histórica, gerando lutas entre os que querem a ascensão e o sistema, que não a permite. Como reflexo, os conflitos civis, a violência, o tráfico; continua-se a miséria e a distância entre os opostos.

Embora as fronteiras iniciem batalhas entre diferentes culturas, etnias ou classes, há muito a demarcação geográfica não é mais uma barreira para o fluxo de informações e capitais. O desenvolvimento tecnológico trouxe uma rede global interligando nações em um tempo ínfimo. Por fim, a distância física diminuiu e a ideia de divisão espacial tornou-se obsoleta. Ainda, tal divisão torna-se um ponto quando analisamos blocos econômicos mais complexos. A união entre países leva a um livre trânsito de pessoas, e as fronteiras entre eles viram apenas simbólicas.

O espaço é, historicamente, limitado por interesses, sejam eles materiais ou não; e muitos são os confrontos gerados por questões fronteiriças, tanto em seu sentido literal quanto figurado. Mas se a tecnologia que aprimoramos é capaz de minimizar distâncias e a importância da limitação física, que o desenvolvimento humano também atinja a própria população, finalizando barreiras determinantes do abismo social e das condições de vidas precárias.

As fronteiras da Humanidade

O principal desafio da humanidade no futuro quase por via não é o aquecimento global ou mesmo a extinção da nossa espécie; mas, antes, meras partes ou consequências do problema maior; vencer as mesmas próprias fronteiras culturais. Vencemos as fronteiras de natureza: podemos transpor rios, explodir montanhas, temos meios de transporte e comunicação avançados. Porém, criamos as fronteiras culturais, próprias do único ser do planeta que possui cultura: o Homem.

Lidar com as diferenças culturais é crucial para a manutenção de nossa existência exatamente porque a experiência humana é um conjunto, o qual existe momentos como todo e não como partes isoladas. E, pelo modelo sociológico dessa experiência, a cultura é a esfera mais externa, a mais demandada e difícil de mudar, a mais resistente, ainda que influencie e sofra influência das outras esferas ao mesmo tempo. Então, para assegurar mudanças duradouras em todas as esferas, que nos permitam prolongar nossa existência, é preciso começar, por assim dizer, pela cultura.

Ilustrando as fronteiras culturais, há os casos de se vencer as conflitos armados. Respostivamente, são exemplos a entre a Bélgica e a Holanda, países que já encravaram nenhuma vitória logo após a Segunda Guerra Mundial, com o Benelux, e a entre judeus e palestinos, dois como os de vários países africanos cuja descolonização e estabelecimento de fronteiras políticas não respeitaram as diferenças culturais entre os povos locais.

É necessário que todo o planeta resolva suas diferenças - ou fronteiras - culturais. Qualquer estudo sem intencionalidades concorda que é impossível haver desenvolvimento sustentável sem uma ação global e conjunta, o que por sua vez é impossível sem um grande e comum acordo cultural: os fracassos da Rodada de Doha, a desigualdade entre países e países (na globalização, na Divisão Internacional do Trabalho) e as guerras são, também, resultado de essas impasses culturais, e dificultam uma ação coordenada e não as ações isoladas, em prol do meio ambiente.

Entretanto, não se deve tentar destruir todas as identidades próprias de cada povo e criar uma cultura única. Isso não é sustentável exatamente porque as culturas são resistentes e a história é dinâmica e influenciada por elas: Stalin manteve a união territorial da URSS com mãos-de-ferro e políticas como a de liquidificação e a de Russificação, e por isso hoje vemos fragmentação total e conflitos entre os povos da região, como a situação do Cáucaso, a fragmentação da impulsão entre outros exemplos.

A solução seria as culturas todas se conhecerem, trocarem valores, se respeitarem. Isso permitiria mais igualdade nos outros esferas também; até na economia, com uma globalização igualitária, verdadeira, sem as contradições de riqueza e tecnologia e assimetria de informações. Como? Seria pretensão um humano responder em poucas sílabas uma pergunta que persegue a humanidade há milênios. Contudo, alguns países europeus estão tentando resolver suas diferenças históricas (que causaram as guerras mundiais) e, no mínimo, entrar em conflitos entre outros países como bloco, e não entre eles próprios. Mesmo que (Recos ainda odeiam alemães e russos pelo nazismo e pela dominação soviética (Primavera de Praga)... O desafio se resume em: será que a humanidade conseguirá vencer suas próprias fronteiras?

Explosão de Conhecimento

No período da Idade Média, era relativamente simples pensar em fronteiras para o homem se ele navegasse por um local muito distante, cheia em um grande abismo repleto de monstros, ou se visse pensar um pouco além do que deveria, seria um forte candidato à fogueira. Somente com a queda de certos pré-conceitos e com a intensificação do processo de globalização é que o conceito de fronteira foi drasticamente modificado e pode-se ampliar em muito o limite para o conhecimento.

Recentemente foi construído o Grande Colisor de Hádrons (LHC) visando ampliar o conhecimento sobre a origem do universo. Mas como investir bilhões de dólares em algo que ainda não possui grande utilidade prática? A resposta é simples utilizando-se de capital de diversas nações, pois somente com a quebra de certas barreiras entre diferentes países é que as fronteiras da ciência podem ser expandidas.

Hoje, o conhecimento humano, por mais limitado que seja, tem crescido de tal forma que é praticamente impossível a existência de outros "Leonardos da Vinci" que tenham praticamente todo o conhecimento de seu tempo em mente. Isso tem levado a processos de especialização, o que acaba favorecendo uma ampliação cada vez mais intensa das fronteiras da ciência.

Mas como falar em fronteiras sem citar fundamentalismo e xenofobia? Em uma era na qual países se unem em grandes blocos econômicos para conseguir uma maior estabilidade, certos grupos de pessoas se unem para levantar novas barreiras capazes de fazer com que caia por terra todo um processo de interligação cultural que poderia beneficiar a todos. Assim, em pleno avanço de globalização, certos movimentos sociais e políticos mostram que da mesma forma que as fronteiras do conhecimento podem avançar, elas também podem regressir.

Com todas essas limitações e movimentos inesperados das fronteiras, uma questão surge no ar: Será possível alcançar o limite do conhecimento? Discutir sobre essa questão é algo um tanto delirado, uma vez que o conhecimento é uma chave para um universo de novas questões, e, como diz o grande rei Salomão: "não há limites para se escreverem livros". Mas de algo é possível estar certo: as fronteiras da ciência só podem ser ampliadas com o avanço de fronteiras ideológicas que aproximem diferentes nações.

Macosas nos galhos dos outros?

Os estudos de fronteira dos áreas do conhecimento, que filosofias quer científicos, buscam a precisão em descrever o seu objeto e seus limites temáticos, ou seja, suas fronteiras epistemológicas. Digo, e manuais, até algum tempo atrás, apresentavam definições que individualizam cada campo do saber: a economia como disciplina das relações de produção e circulação de bens, a teodisica como o tratado racional sobre a existência durante a lógica, como a técnica de construção de argumentos válidos e de outros tantos exemplos.

Havia uma presunção, por vez de servir, com base na presunção de que cada ciência, a despeito de qualquer que seja, sempre estaria circunscrita a uma fronteira conceitual, limitada à abordagem de tais e tais temas. Aqui, a noção de fronteira representa um núcleo enquadrado de ideias capaz de gerar coesão e integridade à sua disciplina. O geneticista não se imiscui no saber do psicólogo, e este não oferece críticas ao conhecimento do sociólogo. É a tradição, para os campos metodológicos, do ditado: "Cada macaco em seu galho".

No entanto, esta vertente do pensamento filosófico moderno vem repensando a questão da fronteira epistemológica como limite cerrado. Entende-se que nenhum campo do conhecimento pretende abarcar a totalidade do saber e descreve que a sua fidelidade comporta uma expansão de métodos, temas e abordagens. Para além, de suas definições tradicionais e esquemáticas, cada disciplina procura, em suas investigações, renovar-se de realizações alheias. Retomando a metáfora, é como se cada macaco escorresse uma vista no galho de seu vizinho.

Deja nos debates públicos, seja nos periódicos ou ainda no ensino acadêmico, testemunha-se a colaboração de profanos em de diferentes campos do saber. Fala-se em interdisciplinaridade, para indicar que as ciências não de em se restringir às suas fronteiras, mas incorporam uma atitude de diálogo e de complementaridade em compromisso pelo conhecimento humano. É uma melhor compreensão do ser humano e de seu entendimento sobre a Natureza que rompe a ruptura do limite e da fronteira. Cada macaco pode muito bem frequentar outros galhos - no final das contas, o bicho vai ganhando.

Fronteiras da vergonha

A partir do momento no qual alguém julgou pertencer a si um pedaço de terra, sem ouvir representação, criou-se a primeira fronteira, que demarcava a primeira propriedade privada. "Nada além de um pau", segundo Placido. A sociedade igualitária e coletiva parou e sequestrou indivíduos semelhantes, exaltando alguns e condenando a maioria. Desde a milenar Muralha da China às atuais cercas eletrificadas: as fronteiras enraizaram-se em nossa cultura, ~~construindo~~ parando-nos em impérios de normalidade.

Cujandônia, Coréia, Lijiana, Celta e Melila: os atuais "muros da vergonha" separam ricos de pobres, tal qual objetos de cores diferentes são embalados em caixas distintas. Representam a materialização de uma linha divisória há muito existente, separando o norte do sul. Em menor escala, estão os muros blindados e os altos muros dos condomínios fechados, que protegem o moderno fardo de "ataques bárbaros", encarcerando os que buscam liberdade.

As demarcações entre países atuam de forma análoga, diferenciando etnias, línguas, hábitos culturais, limitando um espaço geográfico determinado a apenas um país. Sem conceito, tão comum, recusa ~~uma~~ irracional a um indígena. Não, na concepção "Imaginária", pelo a existência de um mundo sem fronteiras, sem divisões, e que é terronaria justo e pacífico. Abolir-se-ia o conceito de nação, causa frequente dos desmoldamento de conflitos, como as duas grandes ~~guerras mundiais~~ ^{Guerras Mundiais}.

O plano do modo de produção capitalista (que intensificou a concentração de renda e a diferenciação de classes), aliado ao conceito de superioridade racial e cultural, é o principal pilar que sustenta as modernas fronteiras. Estas denunciam, sobretudo, a desumanização da "tão evoluída" humanidade. Ao erguer muros, calvar fozas, construir cercas, sentimo-nos seguros, tornando-nos "filhos da bolha", prestes a explodir.

Como únicos ser capaz de modificar o ambiente a seu redor de acordo com sua comodidade, o homem criou as fronteiras: demarcações, linhas divisórias entre duas áreas, regiões, estados, países... As atuais fronteiras, porém, visam a sequestração de grupos humanos, roubando-lhes o direito de disputar de algo que, na realidade, não possui proprietários. São, portanto, motivos de vergonha e de denúncia de nossa descaracterização como seres humanos.

Fronteiras, sem limite

São inúmeras as fronteiras que o homem vem criando e destruindo em seu mundo. Algumas são impostas pelas autoridades políticas, outras foram disputadas em guerras e há ainda aquelas que não podem ser traçadas fisicamente como as fronteiras linguísticas e psicológicas. Todas elas fazem parte da natureza humana e da cultura de cada povo, tendo cada uma sua particularidade, porém um ponto comum entre elas é a constante busca do homem em rompê-las e superá-las.

Desde a Antiguidade, a expansão das barreiras geográficas são motivo para diferentes povos se confrontarem. Deve-se ressaltar que essas fronteiras não são excluídas, exceto algumas contemporâneas, mas modificam-se, aumentando para uns e diminuindo para outros. Essas divisões, por mais que fragmentem politicamente o planeta, são necessárias para que haja harmonia entre as nações, caso contrário, podem gerar grandes conflitos, quebrando esse equilíbrio.

Outra fronteira, ligada à geográfica, é a linguística. O estrangeiro se dá conta de sua situação de imigrante principalmente quando ouve os outros falando uma língua diferente da sua, causando estranhamento. A linguagem é característica de cada povo, é a identidade de uma nação ou etnia e por isso o homem não pode romper essa linha imaginária, visto que cada povo tem sua particularidade, a qual permite sua definição como tal.

Assim como essas barreiras são indestrutíveis, as psicológicas também o são, porém são mais fortes, pois lidam com a consciência ou inconsciência do homem. Uma que lida com o conhecimento é certamente uma das fronteiras que mais o homem tenta superar, mas é limitado por sua capacidade biológica de armazenar informações e de transformá-las em conhecimento e sabedoria. A outra dimensão da barreira trata dos sentimentos. Sua evidente importância decorre da forma de ~~interferir~~ interferir na vida de cada indivíduo e, por extensão, da espécie humana. Os sentimentos estão presentes nas mais diversas situações, limitando e intervindo em nossas atitudes ao longo de nossa ~~exista~~ existência.

Por todas as gerações, fronteiras são traçadas, sejam elas de caráter físico, cultural ou psicológico e interferem intensamente na vida de cada indivíduo. O homem tenta superar seus limites e romper essas barreiras, porém acaba criando apenas mais fronteiras a ultrapassar. O resultado disso pode ser ~~somente~~ frustração, porém devemos aceitar que todas elas são necessárias e decisivas em nossas vidas, sendo portanto ilimitadas.

Viver sem fronteiras

mais do que uma linha, um rio ou uma montanha, a fronteira é um conceito. É algo que permite ao homem a expressão daquilo que há de mais humano: sua individualidade. Uma personalidade é construída a partir de experiências e aquilo que se "é" daquilo que "não se é"; constrói-se o "eu" a partir da negação do "de". Para tanto, deve-se ter uma medida de fronteira entre o que é o "eu" e o "de". O homem passa a maior parte do tempo construindo essas fronteiras para si mesmo.

Um texto que se constrói tem uma aplicação próxima no romance de grandes temas, por exemplo, *Hamlet* é uma personagem que destrói sua própria humanidade pela falta de habilidade em se comunicar. Fazemos um limite entre a vida e a arte, mas sua grande fronteira entre o precaducamento e o florescimento é a linguagem. Edmund precisava nadar em seu psamar com um mundo em pedaços, em que ele poderia caminhar "com o péso em bruto" machado de aris explorar em "sem bom costume" as fronteiras de uma mesma rede, criando um personagem a ser mantido com a necessidade de eliminá-las e "atirar as duas pontas da rede" que marcam sua presença rememorar um sistema para que os leitores da leitura de separar o significado das palavras de sua concretude, e que isto: retrata o regional de uma maneira tão desprada de fronteiras que o torna universal.

A definição da individualidade humana e a construção de uma personalidade só têm sentido quando são utilizadas para melhorar a capacidade do homem de interagir em sociedade. Por mais fronteiras que se cria, nenhum indivíduo se basta, e a superação dessas fronteiras no desenvolvimento de uma comunicação é algo benéfico, de fato, mas necessário. De mais, é vital.

Tão tipicamente humana é a fronteira, que a própria humanidade se encoraja de, mas cedo ou mais tarde, repudia-la, como o faz com a maior parte de suas criações. "Viver sem fronteiras", dizem a princípio de telecomunicações. A rede se torna tão difícil em meio aos instrumentos desenvolvidos para facilitá-la, que a grande glória hoje pertence daqueles que conseguem obter ultrapassar as fronteiras. A glória de um médico que cura um paciente mesmo sem tocar o interior de seu corpo. A glória de um autor que atinge o leitor a qualquer custo, mesmo que o custo seja a desconstrução da própria linguagem. A glória de um estudante aprovado no vestibular, a fronteira para a universidade.

Demarcando Fronteiras sem limite

De maneira geral, o conceito de fronteira baseia-se em um limite, e procura definir até onde podemos ou devemos chegar. No entanto, conforme o tempo passa, esse conceito torna-se tão móvel quanto sua aplicação.

O ser humano tem ultrapassado, através da história, todos os tipos de fronteira. Quando da colonização do Brasil, os bandeirantes ultrapassaram as fronteiras do Tratado de Madrid, garantindo ao Brasil Português a posse das terras que conquistaram. Em tempos contemporâneos, o imperialismo permite a um país apoderar-se das terras de outros, seja por meio da submissão de seus povos ou por meio de lutas sangrentas. Aliás, essas lutas demonstram o quanto importante é uma fronteira física, pois está atrelada ao conceito de soberania. Ultrapassar não-autorizadamente um limite geográfico nacional consiste em ferir a soberania de um país. Não possuir uma fronteira significa segregação, tal qual ocorre com os povos curdos e palestinos, em constante conflito no Oriente Médio. Em termos individuais, essa ultrapassagem pode significar uma agradável esperança, como no caso dos imigrantes legais e ilegais que procuram melhores condições de vida em terras alheias às de seu natalício.

Figurativamente, o ser humano também tem superado várias de suas fronteiras. É famosa a expressão "O céu é o limite". E como o céu não tem demarcação, o ser humano vem provando a veracidade dessa afirmação. O desenvolvimento da ciência e capacidade de criação parece não ter trajetória finita. O homem é capaz de criar novos instrumentos e idéias incessantemente, desde a roda até o computador; da ciência primitiva à ciência moderna. No entanto, essa ausência de limites pode vir a ser algo prejudicial. O homem pode desenvolver, conforme vem ocorrendo, criações que desmantelam a ordem natural do planeta. A tecnologia, para ser fabricada, vem desmatando a fauna e a flora, poluindo águas e ar, tão indispensáveis para a vida. A biotecnologia vem produzindo artificialidades que comprometem a saúde, como é o exemplo de gorduras trans e de agrotóxicos aplicados em alimentos. Esses avanços de fronteira, por seu desenvolvimento, geram uma ausência de limites que comprometem nossa sociedade, politicamente e geograficamente, a paz mundial.

Por isso, é preciso desenvolver a capacidade de avançar de maneira cautelosa, para que as fronteiras sejam enxotadas sem ultrapassar os limites do bem-estar mundial.

Fronteiras para uma sociedade

Definir-se é delimitar-se. Toda frase de grande efeito pode ser concentrada em poucas páginas de texto de raciocinamento e, no entanto, nestes mesmos parágrafos concentrarmos tantas incertezas e limitações para um "paradigma ideal" ou "par perfeito". Por que nos preocupamos em equilibrar pontos ao mesmo tempo que nos colocamos de mural? Por que fugimos de algumas limitações e impomos outras?

Estamos cercados por fronteiras, ideias possíveis, que nos delimitam de pessoas e ideias, as limites ideológicas, que nos exigem descobertas. Isso vem falar naquelas que nos esforçamos de -a- dia para vencer: da tecnologia, da medicina, da indústria. Limites fazem parte da humanidade, que vivemos entre as fronteiras, criadas ou destruídas e cada um tem seu papel no desenvolvimento.

A necessidade de impor barreiras vem também da vontade de dignidade "até a morte". De se sentir bem de peso já implica mais de metade dos fronteiras que existem e que sustentam nesse modelo de vida e sociedade. Mas elas são frequentemente superadas pelo orgulho, solidiedade e compromisso, nem de quando voltamos para o que está de outro lado e trazemos para dentro.

Isso porque romper fronteiras não é apenas ultrapassar uma marca, mas é também englobar o que antes estava fora. Na realidade não é uma quebra, é uma complexação. Ampliamos as fronteiras, desenvolvemos as soluções, criamos as oportunidades. Descobrimos de delimitar os pontos e pontos mas a trazer as delimitações.

Éis, portanto, as diferenças sutis entre definir e delimitar. As fronteiras que nos definem são essenciais para entendermos o que somos e queremos, enquanto as que nos delimitam, trazem ao mesmo tempo que mostram o futuro ou o passado. É de as páginas de raciocinamento já ampliamos diversas fronteiras de distância e diversidade, e isto afirmamos que estamos aptos para ultrapassar, pessoalmente, muitas das quais (nos mesmos) nos mesmos nos mesmos.

A nova ordem geopolítica mundial, que começou a se consolidar com o término do período da Guerra Fria, trouxe inúmeras transformações nas relações entre ^{os} países. As fronteiras políticas, econômicas e culturais mudaram passaram por uma completa mudança nessa virada de século, ou melhor, nesse início de milênio.

No plano econômico, a organização dos países em blocos regionais pode ser vista em todo o mundo já há alguns décadas. Com a intenção de aprimorar a troca de mercadorias, grupos como o Mercosul, NAFTA, Tigres Asiáticos estabeleceram acordos para diminuir taxas comerciais, permitindo uma melhor circulação de produtos. Essa tendência de enfraquecimento de fronteiras nacionais está sendo ampliada cada vez mais ^{em todo o globo,} ~~na Europa~~. Através da União Europeia, o território europeu vem mostrando não só uma unificação econômica, mas também política. Os cidadãos dos países-membros podem circular livremente, ignorando as delimitações físicas, ~~pois~~ ~~Estão~~ submetidos não só à legislação de seu país, mas também à da organização supranacional.

A transformação do significado das fronteiras para a humanidade é precedida por uma mudança ainda maior; **as** distâncias geográficas já não são **as** mesmas. As instantâneas possibilidades de transporte de informações tornaram as distâncias relativas e, portanto, as fronteiras relativas. Desse modo, a hegemonia cultural americana, por exemplo, pode se solidificar em qualquer região do planeta. A produção industrial não precisa se restringir a um único país, pelo contrário, partes de um mesmo produto ^{podem ser} ~~são~~ desenvolvidas em todo mundo para aproveitar as condições favoráveis específicas de cada lugar. Enfim, as delimitações físicas são mais uma vez deixadas de lado.

Esse conjunto de fatos sugere uma tendência de unificação para o novo milênio. A unificação pode também ser chamada de globalização, e **o** enfraquecimento das fronteiras remete a um fortalecimento de grupos transnacionais, ~~que ultrapassam,~~ ~~são~~ maiores que o Estado. Essa é a grande transformação no cenário mundial, o Estado perdendo poder, deixando de ser o protagonista, tendo suas fronteiras apoyadas, suas atribuições sendo tomadas e suas cobranças intensificadas.

TÍTULO: As Fronteiras perdendo poder. (desculpe, só vi que precisava no final)

"OS ALFOBRES DA RAZÃO: FRONTEIRAS E MISTIFÍCIOS"

No século XVIII o filósofo prussiano Immanuel Kant iniciou na pequena cidade de Königsberg uma das tarefas mais hercúleas da ciência ocidental - a composição de uma nova epistemologia, de um tratado capaz de proceder à análise dos meandros mais recônditos da racionalidade humana. A este tratado, Kant ofereceu um título singelo - e matemático: "Crítica da Razão Pura". Entre outros assuntos, a obra Kantiana debater-se sobre uma espécie de "taxonomia filosófica", procurando, rigorosamente (como convém à tradição alemã) identificar todas as fronteiras dos momentos e dos processos da razão. Com efeito, Kant logrou em traçar um mapa novo dessas estruturas, que contemplaria o desenvolvimento da complexa e misteriosa arquitetura do conhecimento humano. Além de descobrir fronteiras "perigosas" entre as diversas faculdades da razão, Kant também propôs uma dicção ainda mais fundamental, no argumento que todas as coisas que percebemos - todas as entes que contemplamos e experimentamos - não são, em verdade, as próprias coisas. São apenas fenômenos: impressões balbuciantes, opacas e fugidas das coisas verdadeiras, a que chamou de "coisas-em-si". Assim, o filósofo procurou estabelecer uma das mais poderosas fronteiras da existência; a fronteira que medeia entre o mundo real, o mundo da-sua-re e o mundo em que vivemos, reflexo fenomenológico de uma espectralidade evanescente.

O que Kant não percebeu, todavia, é que nem todas as fronteiras são nitidas. Se a ciência não pode prescindir das expedientes poderosas da generalização e da categorização, também não pode obliterar certos mistifícios, muito salutarres aos desenvolvimentos da razão e do esclarecimento. A mistura das fronteiras é essencial para os julgamentos sintéticos da ciência. A experiência não se ergue no câmbio proposicional, caso contrário nunca sempre tamborizaria. Os grandes momentos do pensamento no século XX foram sempre marcados por aqueles que ousaram dissolver as identificações da racionalidade, criando assim uma ciência híbrida para uma realidade híbrida. Foi assim com o surgimento da psicanálise, com seus dobramentos lacunares, com a crítica da economia política em Marx, com as genealogias de Foucault. Todos eles percebiam que a cristalização das identidades filosóficas, sociais, culturais, psíquicas e categoriais funciona como glicose do conhecimento humano. Pois um homem não é feito de fronteiras e categorias. Seus alfobres são vazios.

Limites da sabedoria

Da antiguidade aos dias modernos, os seres humanos organizam-se em grupos e comunidades. Conforme tais sociedades crescem, cria-se e amplia-se o conceito de fronteira, isto é, os limites geográficos e sociais de determinada região. Este conceito, não obstante, expande-se além do sentido físico à medida que evoluem as pessoas a ele submetidas. Fronteiras abstratas são criadas, indicando a abrangência do estudo científico, da comunicação, da diversidade, entre outros. Porém, este tipo de fronteira difere daquele da definição geográfica quanto à interpretação: enquanto divisas políticas existem para serem respeitadas, os limites do que a humanidade é capaz existem para serem ampliados, servindo de incentivo para a evolução da espécie.

Pode-se exemplificar o fato apresentado citando o conhecimento sobre as patologias às quais estamos sujeitos: a medicina ainda não encontrou a cura para diversas doenças, e que instiga pesquisadores a ampliar a abrangência do que nos é conhecido. Com isso, realizam-se descobertas que tendem a expandir a vida humana em diversas áreas, ajudando-nos a evoluir. Outro aspecto positivo é o enriquecimento das culturas advindo da pesquisa. A fronteira que limita o que conhecemos do mundo leva muitos a explorar este último, entrando em contato com diferentes etnias e ao mesmo tempo aumentando os limites da comunicação e da diversidade humana.

Entretanto, há também fronteiras figuradas que não devem ser ampliadas, como os extremos da guerra. Com a era nuclear conhecemos o marco que deve ser respeitado em prol da continuidade da vida no planeta. Neste ponto há uma triste contradição, pois a bomba atômica teve contribuições das pesquisas positivas de Albert Einstein, que além de exímio físico era também um pacifista. É de sua autoria a frase que afirma ser mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito, o que pode ilustrar a necessidade da redução de outra fronteira: a da discriminação.

Portanto, fica claro o papel dos limites humanos: preservar a vida. Existem fronteiras para ser expandidas e outras para ser reduzidas, ajudando-nos a coexistir. Servem como indicadores do futuro para o qual a humanidade caminha. Resta-nos apenas, então, saber interpretá-los e agir conforme necessário, seja expandindo ou moderando, mas sempre em mudança para o que é melhor.

Fronteiras: Discriminação e Exatismo.

Adotada como hino da União Europeia, a famosa Atrium sinfonia de Beethoven ganhou uma letra, na qual afirma-se que mendigos e pobres existem, na Europa, ser tratados como irmãos. Inúmeras leis restringindo a entrada de imigrantes no continente, evidentemente, entretanto, como a afirmação presente na canção não é verdadeira e o quanto a questão das fronteiras ainda tem grande importância no mundo globalizado. O ser humano vê-se ceticamente de muitos outros fronteiros, brutalmente segregacionistas. Muitos deles possuem de serem prejudicados.

O continente Africano destaca-se como face de miséria e pobreza, apenas o Mar Mediterrâneo e o repouso de seu continente Europeu. Para os africanos, portanto, romper as fronteiras europeias pode ser o único modo de melhorar de vida. Os problemas de limite não se restringem apenas a questões geográficas: saber ler, por exemplo, discrimina muito as pessoas, o domínio da computação pode ser o diferencial entre conseguir ou não um emprego.

Aquelas inclusões buscam, muitas vezes, ouvidamente fazer com que os excluídos montem um se em suas condições, em uma demonstração de exatismo e firmeza diante dos problemas alheios. Desse modo, pressionam leis de restrição a imigrantes na Europa, bem como os movimentos xerógrafos proliferam-se no continente. Para evitar a entrada de estrangeiros, os países europeus poderiam fazer opções para o desenvolvimento dos países africanos, mas pouco o fazem. Parece que a noção de superioridade traz consigo um certo orgulho, fortalecendo, por conseguinte, as fronteiras.

Quanto mais segregam, mais as fronteiras tornam-se pontos de tensão. Busca-se romper tais barreiras a todo custo. Na Europa, por exemplo, os limites territoriais vão na prática se desfazendo graças a movimentos migratórios ilegais, ou seja, os limites não são efetivamente respeitados. Sol pode demonstrar que questões possíveis de serem resolvidas de forma pacífica e benéfica para ambas as partes, tornam-se problemas ainda maiores em razão da resistência para solucioná-los. Atividade e cooperação podem, portanto, diminuir de várias questões fronteiriças.

Segregacionismo parece ser um ponto causador de conflitos, estimulando decisivamente a existência e a fertilização dos problemas e ~~conflitos~~ belicistas fronteiriços. Deve, portanto, ser substituído por um comportamento mais incluído e belicioso. Este sim capaz de tornar o hino da União Europeia de fato real.

O homem e a superação à sua frente: fronteiras

Em 1750, quando Portugal devolveu Sacramento à Espanha e em troca se apassou das terras à oeste de Tordesilhas, a parte majoritária da fronteira brasileira se definiu. Outro tratado de relevância, além do supracitado Tratado de Madri, é o de Petrópolis, o qual nos remete o lema: "Nós, em grito retumbante, proclamamos a extensa fronteira em que vivemos a soberania nacional. Ironicamente, nesta época de fronteiras definidas, usamos a expressão de telegrafia adoto o slogan "viver sem fronteiras". Aquele superação é a forma remete?

O sentido imediato é a viabilização do contato a longa distância, não obstante seja possível depender significados de cunho filosófico graças à multiplicidade de sentidos da palavra "fronteira". Viver sem fronteiras não é, pois, algo semelhante à canção de John Lennon "Imagine all the people, living life in peace" ou em demarcações de espaço, divisões entre áreas, regiões, estados, países, distinções de raça, sexo, cultura ou classe.

Send assim, é possível inferir que enquanto o capitalismo mercantil valorava a riqueza das nações pela extensão de suas fronteiras e riquezas minerais, atualmente as fronteiras a serem superadas são de cunho científico, político, do pensamento e da religião. Sem inibir na fábula de "ampliação indefinida", como advertiria Salgado, ver, podemos afirmar que se dubiora heróis heroísmo e milos envolvidos na figura dos descobridores das entradas e bandeiras, há agora, certo arce à sanguinidade e barbárie contra os indígenas que aqueles cometeram. Ou seja, se observa o feito por outro enfoque, relativizando o progresso mas fronteiras geográficas e ressaltando o aspecto moral/residual. Tal mudança de visão ilustra, pois, a superação à nossa frente e o progresso quanto às fronteiras.

Os nossos ídolos, aliás, aos poucos deixam de ser heróis que mataram ou morreram em guerras de conquista para serem pacifistas como Mahatma Gandhi, combatentes do preconceito como Martin Luther King, cientistas renomados como Watson e Crick ou até mesmo pessoas que buscam diminuir a disparidade monetária, como o economista Mohammed Yunus, que empresta dinheiro aos pobres a juros baixos. O que significa a progressiva constatação pela sociedade que as mais importantes fronteiras a serem superadas já não são as territoriais mas outras de natureza superior, de humanidade maior.

Uma bela metáfora quanto à evolução e superação humana é o horizonte, fronteira de nossa visão, que se distancia conforme caminhamos e incita a contínua locomoção. Tiver e buscar superar fronteiras.